



# The Bard News®



Fundador - J.B Wolf

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Edgar Allan Poe **Pag A2**

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. I / Jornal No. 4, NOVEMBRO 09, 2025



## Entre o Caos e a Virtude:

Como o Pensamento Estoico Continua Atual

Por Magna Aspásia  
COLUNISTA

O estoicismo, filosofia grega antiga, emerge como guia essencial para a vida moderna, ensinando a distinguir o controlável do incontrollável e oferecendo ferramentas práticas para enfrentar ansiedade, incertezas e pressões contemporâneas através da virtude e autocontrole.

Leia Mais **Pag A16**

## Comunidades quilombolas:

Tradições Culturais

Por Beth Baltar  
COLUNISTA

As comunidades quilombolas brasileiras preservam tradições culturais milenares através de música, dança, culinária, religiosidade e artesanato, mantendo viva a resistência histórica dos descendentes africanos e fortalecendo a identidade cultural nacional através de práticas transmitidas oralmente entre gerações.

Leia Mais **Pag A10**

### FILOSOFIA



## Meritocracia:

Por Drika Gomes  
COLUNISTA

A tensão contemporânea entre esforço individual e justiça social na construção de sociedades prósperas

Leia Mais **Pag A17**

## Os Três Mosqueteiros

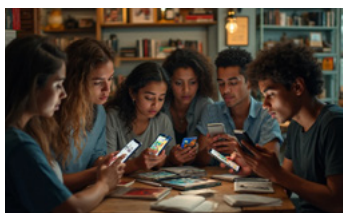


Por Mariana Pacheco  
COLUNISTA

Na primeira traduzida para o Brasil, a edição de 2024 de "O Visconde de Bragelonne" da editora Zahar vem trazer o desfecho das aventuras de "Os Três Mosqueteiros", obra clássica francesa de Alexandre Dumas, originalmente publicada em 10 volumes, e que agora se encontra acessível para os leitores brasileiros. E podemos novamente discutir sobre a complexidade deste romance histórico que marcou gerações.

Leia Mais **Pag A9**

### COMPORTAMENTO



## Tendência a trends

A efervescência linguística brasileira entre saúvas digitais e saúde comunicativa

Por Renata Munhoz  
COLUNISTA

A cultura digital brasileira de 2025 reflete o paradoxo de Mário de Andrade: abundância de tendências efêmeras (saúvas) versus carência de comunicação crítica (saúde), revelando como neologismos virais e modismos digitais desafiam a preservação da riqueza linguística portuguesa.

Leia Mais **Pag A19**

### EDUCAÇÃO



## O valor das atividades extracurriculares

Desenvolvimento além das notas.

Por Stella Gaspar  
COLUNISTA

O conhecimento adquirido por meio de atividades além da sala de aula pode construir conhecimento amplo, não se limitando a atividades, trabalhos pedagógicos formais, fechados em um conteúdo curricular tradicional.

Leia Mais **Pag A15**

### FILOSOFIA



## Espiritualidade e Modernidade:

Um Diálogo Necessário

Por Clayton Zocarato  
COLUNISTA

A espiritualidade, muitas vezes associada à tradição e ao sagrado, parece à primeira vista destoar do ritmo acelerado e racional da modernidade. Contudo, o mundo contemporâneo tem demonstrado uma crescente busca por sentidos existenciais que transcendem a lógica materialista.

Leia Mais **Pag A17**

## Prêmio Nobel de Literatura:

A EVOLUÇÃO DO IDEAL LITERÁRIO

Por J.B Wolf  
EDITOR CHEFE

Quando Alfred Nobel redigiu seu testamento em 1895, estabelecendo que parte de sua fortuna deveria premiar anualmente "a pessoa que tiver produzido na literatura a obra mais notável de tendência idealista", ele provavelmente não imaginava que estava criando um dos debates mais fascinantes e controversos do mundo cultural.

Leia Mais **Pag A6**

### OPINIÃO



## A Virtude do Ceticismo

Por Que a Dúvida é Essencial em Tempos de Informação Infinita

Por Jeane Tertuliano  
COLUNISTA

Em uma era de informação abundante mas sabedoria escassa, a dúvida emerge como virtude essencial e ato de resistência contra certezas superficiais, oferecendo autonomia intelectual, profundidade e proteção contra manipulação em meio ao caos informacional contemporâneo.

Leia Mais **Pag A20**

### COMPORTAMENTO

## O Efeito da Natureza: Como o Contato com o Verde Transforma Corpo e Mente

A ciência e a poesia do bem-estar através da conexão com o mundo natural

Pag A18

### LITERATURA

## LINHAS CRUZADAS: O travesseiro invisível

A anatomia sutil do controle emocional em relacionamentos contemporâneos

Pag A3

### LITERATURA

## Literatura Infantojuvenil: Formando Caráter e Imaginário com Histórias Atemporais

A urgência mansa de escrever para quem vê o mundo com olhos de estrela

Pag A8

### QR CODE

Aponte a camera do seu celular



### PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"







# A Descida ao Maelström da Alma: Edgar Allan Poe, o Arquiteto das Sombras



IMAGEM GERADA POR IA \*usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2025"

LITERATURA - Leia no site

POR  
The Bard News, Redação

## A Descida ao Maelström da Alma: Edgar Allan Poe, o Arquiteto das Sombras

No panteão da literatura mundial, poucos nomes evocam uma mistura tão potente de melancolia, genialidade e terror quanto Edgar Allan Poe (1809-1849). Mais do que um mero escritor de histórias assustadoras, Poe foi um arquiteto das sombras da psique humana, um poeta da beleza mórbida e um crítico implacável que ajudou a moldar a literatura americana. Sua vida, tão trágica e misteriosa quanto seus contos, foi o cadinho onde se forjou uma obra que desceu aos recônditos mais sombrios do medo, da perda e da loucura, criando não apenas um gênero, mas uma nova forma de sentir a literatura.



### A Vida Tumultuada: Forjando um Gênio na Adversidade

A existência de Poe foi marcada desde o início pela perda e pela instabilidade. Nasceu em Boston, filho de atores itinerantes, ficou órfão antes dos três anos de idade. Sua mãe morreu de tuberculose, e seu pai abandonou a família. Edgar foi então acolhido, mas nunca formalmente adotado, por John e Frances Allan de Richmond, Virgínia — de onde vem seu nome do meio. A relação com John Allan, um comerciante abastado, foi sempre tensa e conflituosa, definida por disputas financeiras e desaprovação.

Essa tensão o perseguiu na Universidade da Virgínia, que ele foi forçado a abandonar

por dívidas de jogo, e em sua breve e fracassada passagem pela Academia Militar de West Point, de onde foi deliberadamente expulso por indisciplina. Deserdado e sem recursos, Poe voltou-se para a única coisa que lhe restava: sua caneta.



Iniciou sua carreira como editor e crítico literário, ganhando a alcunha de "Tomahawk Man" (O Homem da Machado) por suas resenhas ácidas, brutalmente honestas e muitas vezes destrutivas. Embora temido, ele era um crítico de princípios, defendendo a ideia da "arte pela arte" e a unidade de efeito em um conto, teoria que ele mesmo aplicaria com maestria.

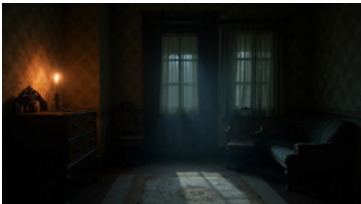
Sua vida pessoal foi igualmente trágica. Em 1836, casou-se com sua prima Virginia Clemm, que tinha apenas 13 anos. Apesar da controvérsia, relatos sugerem uma relação de profundo afeto. A longa e dolorosa batalha de Virginia contra a tuberculose (a mesma doença que vitimou sua mãe e seu irmão) tornou-se uma obsessão para Poe. A imagem da mulher jovem, bela e moribunda assombraria sua obra, tornando-se um tema central em poemas como "O Corvo" e "Annabel Lee".

Após a morte de Virginia, em 1847, Poe mergulhou ainda mais fundo no álcool e na depressão. Seus últimos anos foram um borrão de viagens, delírios e tentativas de reconstruir a vida. Em outubro de 1849, foi encontrado em Baltimore, delirante, vestindo roupas que não eram suas. Morreu quatro dias depois, sem nunca explicar o que havia acontecido. Sua morte permanece seu último e mais intrigante mistério.

### A Arquitetura do Terror e da Razão

A obra de Poe é multifacetada, indo muito além do horror superficial. Ele foi um inovador em diversas frentes:

**O Horror Psicológico:** Diferente do gótico tradicional, cheio de castelos e fantasmas, o terror de Poe é interno. Seus narradores não são confiáveis; suas mentes estão se desintegrando. O horror brota da culpa ("O Coração Denunciador"), da obsessão ("Berenice"), da paranoia ("O Barril de Amontilado") e do medo da própria loucura.



**O Nascimento da Ficção Policial:** Com a criação de C. Auguste Dupin em "Os Assassinatos da Rua Morgue", Poe inventou o gênero de detetive. Ele estabeleceu todos os tropos clássicos: o detetive excêntrico e genial, seu amigo menos brilhante que narra a história, a polícia incompetente e a solução do crime através da "raciocinação" — a lógica dedutiva pura. Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, reconheceu abertamente sua dívida para com Poe.

**O "Impulso do Perverso":** Poe foi um psicólogo intuitivo, articulando conceitos que a psicanálise só exploraria décadas depois. Ele nomeou o "impulso do perverso" como a tendência humana de fazer algo errado precisamente porque sabemos que é errado, um impulso autodestrutivo que move muitos de seus personagens.

**Explorações Científicas e Cósmicas:** Em obras como Eureka: A Prose Poem, um ensaio sobre a natureza do universo, Poe antecipou ideias da cosmologia moderna, como o Big Bang (um universo em expansão a partir de uma "partícula primordial") e o Big Crunch. Seu interesse por criptografia é central no conto "O Escaravelho de Ouro".

### Cronologia de Obras Seletas

A carreira de Poe foi marcada por publicações em revistas e coletâneas. Abaixo estão alguns de seus marcos mais significativos:

**1827** - Tamerlane and Other Poems: Sua primeira obra publicada, anonimamente como "por um Bostoniano". Os poemas já revelam temas de orgulho, perda e melancolia que marcariam sua carreira.

**1838** - A Narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket: O único romance completo de Poe. É uma aventura marítima que desce em uma espiral de horror, motim, canibalismo e culmina em um final surreal e enigmático que é debatido até hoje.

**1840** - Contos do Grotesco e do Arabesco: Uma coletânea fundamental que reuniu muitos de seus contos mais famosos da época, incluindo "A Queda da Casa de Usher", solidificando sua reputação como mestre do macabro.

**1841** - "Os Assassinatos da Rua Morgue": Publicado em revista, é considerado o primeiro conto de detetive moderno, apresentando ao mundo C. Auguste Dupin e o conceito do "mistério do quarto fechado".

**1843** - "O Escaravelho de Ouro": Uma história que mistura caça ao tesouro com criptografia. Foi um de seus maiores sucessos comerciais em vida, ganhando um prêmio e ampla popularidade.



**1845** - "O Corvo" (The Raven): O poema que o catapultou para a fama internacional. Publicado no New York Evening Mirror, sua musicalidade sombria, ritmo hipnótico e o refrão melancólico "Nevermore" (Nunca mais) tornaram-se um fenômeno cultural instantâneo.

**1846** - "O Barril de Amontillado": Uma obra-prima da vingança e do horror psicológico, contada do ponto de vista de um assassino frio e calculista. É um estudo perfeito sobre a crueldade humana.

### Curiosidades e Fatos Pouco Conhecidos

O "Poe Toaster": Por mais de 70 anos (de 1949 até 2009), uma figura misteriosa visitava o túmulo de Poe em seu aniversário, deixava três rosas e uma garrafa de conhaque pela metade. A identidade do "Poe Toaster" (Brindador de Poe) nunca foi confirmada.

Atleta Inesperado: Apesar de sua imagem frágil e soturna, Poe era um atleta notável em sua juventude, especialmente um nadador talentoso e recordista em sua cidade.

O Time de Futebol Americano: O time da NFL Baltimore Ravens foi nomeado em homenagem direta ao poema mais famoso de Poe, "O Corvo", solidificando sua conexão com a cidade onde morreu e está enterrado.

**Teorias da Morte:** As causas de sua morte são um campo fértil para especulações. As teorias incluem raiva (hidrofobia), sífilis, cólera, suicídio, e até "cooping" — uma forma de fraude eleitoral em que a vítima era sequestrada, drogada e forçada a votar várias vezes, sendo depois descartada.

### O Legado Imortal: A Sombra que se Estende pelo Tempo

O impacto de Edgar Allan Poe transcende o tempo e os gêneros. Na França, foi venerado pelos poetas simbolistas, especialmente por Charles Baudelaire, que o traduziu magistralmente e o considerava seu "irmão espiritual". Sua influência direta pode ser sentida em Arthur Conan Doyle, H.P. Lovecraft, Stephen King e até em cineastas como Alfred Hitchcock e Guillermo del Toro.

Ele nos mostrou que o maior monstro não é o que se esconde debaixo da cama, mas o que reside dentro de nossa própria mente. Edgar Allan Poe foi um homem destruído pelas circunstâncias que transformou sua dor em uma arte imortal. Das profundezas de sua alma atormentada, ele extraiu uma luz literária sombria que continua a nos fascinar, assombrar e provar que, mesmo das trevas mais profundas, pode emergir uma beleza terrível e eterna.

### O Mistério Final

Sua própria morte permanece um enigma: encontrado delirante em Baltimore, vestindo roupas que não eram suas, morreu sem explicar o que aconteceu. Teorias incluem desde raiva até fraude eleitoral, alimentando o mito que persiste há 170 anos.

Das trevas mais profundas de sua alma atormentada, Poe extraiu uma beleza terrível e eterna que continua fascinando gerações. Prova de que a arte pode transformar até a maior dor em algo imortal.





# Sua marca aqui

# Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto  
"A arte do banner nós fazemos"

## TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

### DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** [www.seusite.com.br](http://www.seusite.com.br)



# Linhas Cruzadas: O travesseiro invisível



Por Aline Abreu Santana  
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@prof.alineabreu

## A anatomia sutil do controle emocional em relacionamentos contemporâneos

A casa era linda. Vidros amplos, cortinas brancas, móveis comprados na última liquidação de design escandinavo. Tudo combinava, o tapete de fibras naturais, a mesa de jantar de madeira de demolição, o aroma controlado por difusores importados. Nada fora colocado ali por acaso; tudo carregava a assinatura de Ana, sua esposa.

No começo, Daniel acreditava que aquela ordem toda era um presente. O zelo dela com cada detalhe parecia amor, um cuidado quase sagrado, como se cada objeto tivesse um lugar pré-determinado por um ritual secreto. Achava até encantador o jeito como ela reorganizava suas gavetas, como escolhia a roupa que ele deveria usar com um ar de quem sabia mais sobre ele do que ele próprio, como corrigia o modo dele pronunciar certas palavras, com um toque de professora paciente.

Mas, com o tempo, começou a perceber algo estranho por trás dessa harmonia. Era como se

a casa tivesse um código invisível, um conjunto de regras que ele nunca aprendera de fato, mas que Ana aplicava com precisão absoluta. Sempre que tentava acrescentar algo à decoração, um quadro antigo do avô, um livro deixado sobre a mesa, uma caneca herdada da mãe, ela sorria. Era um sorriso rápido, de canto de boca, que não alcançava os olhos. E então vinha a frase, sempre na mesma entonação calma: “Não combina com o conceito.”

Esse “conceito” parecia estar em toda parte, como uma presença silenciosa que pairava

Ele começou a sentir que vivia numa vitrine. Cada passo tinha de ser pensado, cada fala, medida. A própria respiração parecia destoar do ritmo imposto por ela. O silêncio entre eles era pesado, mas não de paz: era o silêncio que vem quando se aprende a não dizer mais nada para não provocar tempestades.

As discussões, raras e sempre vencidas por ela, vinham carregadas de ironia e frases afiadas como bisturis: “Você não percebe o quanto eu melhorei a sua vida?” ou “Sem mim, você estaria perdido”. Daniel, pouco a pouco, foi acreditando.

giravam sempre em torno dela, das conquistas dela, dos problemas dela. Quando ele tentava falar sobre o próprio trabalho, ela mudava de assunto com a naturalidade de quem troca uma peça fora de lugar, substituindo por um elogio a si mesma. Quando dizia estar cansado, ela lembrava o quanto fazia por ele e afirmava, quase num sussurro firme: “Não é pedir muito que você esteja sempre pronto para mim, Daniel. Afinal, eu faço tudo por nós”.

O amor, que no começo parecia macio e acolhedor, agora pesava sobre seu peito como um

última vez que escolhera algo por conta própria, nem mesmo um prato no restaurante. Sentia-se esgotado, vazio, como se uma parte de si fosse drenada aos poucos, gota a gota, e ele não tivesse forças para impedir. Não havia febre, nem ferida visível, mas o corpo pesava e a alma murchava, como planta esquecida num canto sombrio.

Foi naquela manhã, diante do espelho, tentando reconhecer o rosto que o encarava, que entendeu: Ana queria um reflexo perfeito. Tudo nele que destoasse da imagem que ela projetava era limado, reorganizado ou simplesmente descartado.

Então, como se viesse das sombras da memória, surgiu a lembrança de uma história lida anos antes, de Horacio Quiroga, sobre alguém que definhava noite após noite, vítima silenciosa de um parasita escondido onde menos se imaginava. Daniel sorriu com amargura. O seu travesseiro não era de plumas, mas de frases calculadas, exigências constantes e elogios envenenados. E, como naquela história, a cada noite ele repousava a cabeça sobre aquela armadilha invisível, acordando a cada manhã sem vida.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025”

sobre cada cômodo. Daniel começou a notar que, quando ela dizia isso, o ar na sala mudava, como se uma janela tivesse sido fechada sem ele perceber. As luzes pareciam mais frias, o som dos próprios passos soava alto demais. Aos poucos, entendeu que não havia espaço para a sua própria voz. E o que antes era carinho passou a se parecer com uma coreografia onde só ela sabia os passos, enquanto ele se limitava a seguir, sempre com a sensação incômoda de que qualquer movimento fora do ritmo teria um preço.

Não houve gritos nem portas batendo. O desgaste veio como um fio d’água que, noite após noite, infiltra-se e corrói a parede por dentro. Ele deixou de encontrar amigos, de visitar a família, de se inscrever nos cursos que tanto queria. Ana explicava que era para o bem deles como casal, que ninguém entendia a relação especial que tinham.

Os dias eram iguais, como se o calendário tivesse parado num ponto morto. As conversas

peso invisível, como se dormisse todas as noites sobre um travesseiro que sugava seu ar sem deixar marcas. A casa, antes cenário de afeto, começara a exalar uma atmosfera estranha, um silêncio que não era ausência de som, mas presença de algo não dito, algo que rondava os cantos e se insinuava nas palavras medidas de Ana.


Até que, em um dia sem qualquer marca especial, ele percebeu que sua mente havia se tornado um quarto sem janelas. Não lembrava da



Decidiu que não dormiria mais ali.

Sorrindo pela primeira vez em muito tempo, pensou em como seria vê-la dormir sozinha.

Conexão com “O travesseiro de Plumas” – Horacio Quiroga e os relacionamentos abusivos contemporâneos: ambos retratam a lenta e silenciosa destruição de uma pessoa por um elemento que convive intimamente com ela, seja um parasita oculto ou um parceiro controlador, mostrando como a opressão pode agir de forma invisível até consumir totalmente a vítima.



## Sua ideia merece se tornar leitura do mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

### Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

### ACESSE AQUI

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram

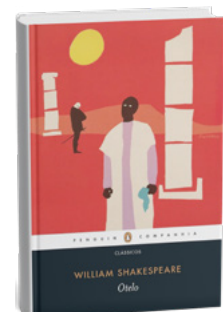


## "O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



## "Oteló"

Em Veneza, Oteló, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitiçado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Oteló é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Oteló e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.





## The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

### EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

**Edição:** Vol 1 Jornal Nº IV - Novembro/2025  
**Direção Geral:** J.B Wolf  
**Editor-Chefe:** J.B Wolf  
**Conselho Editorial:** [Lista de membros]  
**Redação:** [Redatores, jornalistas, estagiários]  
**Coordenação de Arte e Design:**  
Agência The Wolf Bard  
**Suporte Técnico:** [TI e Web]  
**Contato:** redacao@thebardnews.com |  
Instagram: @thebardnews  
**Endereço:** Águas Claras, Brasília - DF   
**Colaboradores:** [Convidados]  
**Contato para publicações:** participe@thebardnews.com

*"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."*

**Colunistas fixos:** [colunistas especiais]

J.B Wolf	Stella Gaspar
Mariana Pacheco	Aline A. Santana
Magna Aspásia	Drika Gomes
Beth Baltar	
Jeane Tertuliano	
Renata Munhoz	
Clayton Zocarato	

### ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

**CONTATO/WHATSAPP:**   
**(61) 9 8474-7033**



LITERATURA

CRÔNICAS

Iceberg



POR  
Neri Luiz Cappellari

Porque escrevo? Já me perguntei muitas vezes a esse respeito. Quando escrevo, dispo-me e me mostro por inteiro. Não existem curvas, não existem subterfúgios, não existem meias palavras; mas, sim, existe uma linha reta entre o meu coração e as diversas formas com que pretendo tocar as pessoas e a mim mesmo. Às vezes, escrevo pela simples necessidade de desabafar. Às vezes, é para me posicionar no mundo. Às vezes, é para compartilhar uma conquista. Às vezes, é por me sentir sozinho. Com isso, eu tenho a certeza de que, através das palavras, eu posso dizer para mim mesmo: olha, estou vivo...eu existo. É com a escrita que eu consigo submergir do meu mundo interior e me conectar com o mundo exterior.

Algumas pessoas, quando sentem necessidade de desabafar, de suprir uma carência, de amenizar a solidão ou de compartilhar uma conquista, fazem-no das mais diferentes formas. Um choram, outras rezam, outras ainda abrem seu coração com um amigo. Enfim, todas procuram uma válvula de escape para estarem bem consigo mesmas. Já, eu, vou catando as palavras aqui, ali, e elas vão dando significado aos desencontros do meu dia a dia. A minha

solidão seria insuportável, as minhas histórias seriam vazias, até as estrelas mais longínquas com que já sonhei de nada valeriam se eu não tivesse alguém para compartilhar esses momentos.

É através da escrita que eu consigo emergir e me conectar com as pessoas para poder respirar. Quando eu falo em subir à superfície, quero dizer mostrar o meu lado mais vulnerável, mais denso, mais sombrio, mais amargo, mais doce. É nesse momento que eu me vejo como um iceberg. A minha imagem é aquela da sua parte menor, que fica acima da superfície. É a parte visível aos nossos olhos. Contudo, é uma imagem rasa, sem foco que reflete muito pouco do meu eu. A minha outra imagem, a parte submersa desse imenso gelo, isto é, a parte invisível, este é o meu eu em alta definição, em technicolor. Essa imensa massa de gelo submersa é a que verdadeiramente nos define como pessoas, e, para mim, às vezes, liberta-me, às vezes, aprisiona-me, às vezes, sufoca-me.

Mostrar-me por inteiro é uma forma de me conectar com o mundo, de aliviar as tensões, de soltar as amarras, de me libertar...de nos libertar. Podemos viver situações idênticas, mas reagimos de maneiras diferentes de acordo com nossas experiências de vida. O sofrimento depende muitas vezes de nossas reações aos acontecimentos e não aos fatos em si. Não somos uma ilha, estamos juntos, interligados. O mesmo oxigênio que respiro é o mesmo que todos nós respiramos. Como não nos aprisionarmos em nós mesmos se não dermos a chance das pessoas nos conhecerem. Precisamos nos libertar das paredes que criamos ao nosso redor.

Escrever é o momento de cumplicidade de quem escolhe as palavras e de quem as lê. Escritor e leitor se espiam, entregam-se, interagem, trocam confidências, vivem experiências sem censuras. É nesse momento de reflexão que ambos mergulham na parte dentro de si. As palavras fazem a conexão entre os dois. É o tempo que o escritor convida o leitor para compartilhar a sua ceia, a sua loucura, a sua solidão, a sua carência, e juntos alcançam a outra ponta, mais profunda, submersa do iceberg.



Miniconto

A Sétima Tranca



POETA & ESCRITOR  
J.B Wolf

Toda noite,  
ela conferia a tranca da porta sete vezes  
antes de se deitar.  
Era um ritual sagrado contra o  
caos do mundo.  
Mas naquela noite, exausta,  
conferiu apenas uma.  
E sonhou, pela primeira vez em anos,  
com a porta aberta para  
um campo ensolarado.

@poetajbwolf

POEMAS

Teu nome



POETA  
Edna Lessa

@ednalessa\_escritora

Encontrei teu olhar  
E senti ondas  
Mergulhando em minha pele  
Senti um calor de sal e vento  
Aquecendo minha solidão.

Agora, em meu peito,  
teu nome ressoa  
como canto de marés eternas,  
e minha alma, embriagada de ti,  
carrega o eco infinito  
do amor que não tem fim.

POEMAS

Em tua pauta



POETA  
J.B Wolf

@poetajbwolf

Desnudo musicalidade,  
silêncio como pausa  
de semínima.  
Gravo em tua pauta,  
notas do teu timbre  
soando acústica.  
Ruídos harmônicos,  
siluetas e gemidos  
de teus sons.  
Arpejo suave,  
toque dedilhado com  
tua respiração contínua.  
Acelero o ritmo  
do compasso,  
a cada nota tua.

POEMAS

Íntimo Florescer



POETA  
Arcely Soares

@ms\_arelly

E se tuas folhas vierem a cair?  
Afirmei, tranquila: Deixem que caem!  
Enquanto o frio intenso cobre a nudez,  
No meu corpo que se rompe de vez.

A alma se eleva e brilha na escuridão,  
Pois há um tempo secreto que chama a flor.  
Todos observam,  
Mas a verdade não é vista.

É que o broto que surge no botão  
Aguarda em silêncio...  
Anseia pela luz do Sol,  
Espera o instante exato para desabotoar  
Oculto no coração do inverno.

E o perfume é a recompensa a quem sofre  
e floresce,  
A memória dos olhares,  
A alma não a perde.

Árvore despida,  
Sentimentos expostos,  
Mas o tempo é incapaz de roubar  
Qualquer tesouro do coração;  
O tempo, com sua passagem, limpa as  
emoções.

POEMAS

Para onde vão?



POETA  
Lilian Barbosa

@amagoreflexivo

Para onde vão os sentimentos não ditos?  
As palavras não pronunciadas? Aquela frase  
pensada logo após o término da discussão?

Para onde vão a oportunidade e o tempo  
perdidos?

E aquela coragem e atitude que ficaram só  
no pensamento? Para onde elas vão?

Na verdade, eles não se vão. Ficam  
guardados dentro de nós, como prisioneiros  
sem expectativas de liberdade.

E, quando pensamos que poderíamos estar  
livres, fazendo a diferença no cenário da  
vida, percebemos que, mesmo sendo parte  
integrante do que somos, fazem-nos muita

falta.

(Como estamos, permanecemos...  
Suportamos a dúvida de nunca sabermos para  
onde vai o que nunca saiu de nós...)

Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!



# REVISTA THE BARD®

## Revista Atual lançada - 33ª edição Setembro e Outubro



ENTRE OS TONS DO NORDESTE:  
“Olhares artísticos do Sertão.”

[Clique aqui para acessar](#)

## Em Processo Editorial - 34ª edição Novembro e Dezembro Lançamento dia 15 de Novembro



O AMOR, A ARTE DE TODAS AS ARTES:  
"Uma fonte de inspiração e expressão que moldou a  
comunicação ao longo da história da humanidade"

[Clique aqui para acessar](#)

## Editais Abertos - 35ª edição Janeiro e Fevereiro 2026 Término dia 30 de Novembro



MEMÓRIA : "A memória imaterial popular passada  
pelas festividades ao longo do tempo.”.

[Clique aqui para acessar](#)

Site da Revista The Bard

[Clique aqui para acessar](#)

Editais Abertos

[Clique aqui para acessar](#)

Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Whatsapp

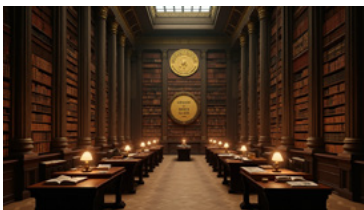
[Clique aqui para acessar](#)



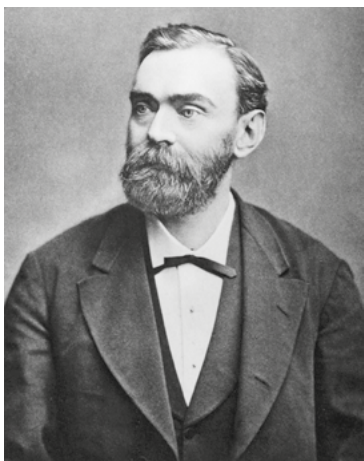
## LITERATURA

Prêmio Nobel de Literatura:  
A Evolução do Ideal Literário

Por J.B Wolf  
EDITOR CHEFE



“Descubra Como Mais de Um Século Transformou Completamente Nossa Definição de Grande Literatura”



Quando Alfred Nobel redigiu seu testamento em 1895, estabelecendo que parte de sua fortuna deveria premiar anualmente "a pessoa que tiver produzido na literatura a obra mais notável de tendência idealista", ele provavelmente não imaginava que estava criando um dos debates mais fascinantes e controversos do mundo cultural. Mais de um século depois, a pergunta permanece: o que exatamente constitui "excelência literária"?



A resposta mudou drasticamente ao longo das décadas. Se em 1907 Rudyard Kipling foi premiado por suas "observações, originalidade de imaginação, virilidade de ideias e talento notável para a narração", em 2022 Annie Ernaux recebeu o prêmio "pela coragem e acuidade clínica com que desvenda as raízes, os distanciamentos e as limitações coletivas da memória pessoal". Entre esses dois extremos, uma revolução silenciosa transformou completamente nossa compreensão do que torna uma obra literária verdadeiramente excepcional.

#### Os Primeiros Passos: Literatura Como Espelho da Civilização

Nos primeiros anos do prêmio, a Academia Sueca operava com uma noção bastante conservadora de literatura. Os primeiros laureados, como Sully Prudhomme (1901), Theodor Mommsen (1902) e Bjørnstjerne Bjørnson (1903), representavam um ideal de literatura como expressão máxima da cultura europeia civilizada. Era uma época em que a "boa literatura" deveria necessariamente elevar o espírito humano através da beleza formal e da exemplaridade moral.

Rudyard Kipling, vencedor em 1907, exemplifica perfeitamente essa fase inicial. Suas obras celebravam o império britânico e propagavam uma visão específica de civilização ocidental. Poemas como "O Fardo do Homem Branco" e romances como "Kim" refletiam uma confiança inabalável na superioridade cultural europeia. Hoje, muitas de suas posições seriam

consideradas problemáticas, mas na época representavam exatamente o que a Academia considerava "tendência idealista".



Mesmo nessa fase inicial, algumas escolhas já sinalizavam tensões futuras. A premiação de Rabindranath Tagore em 1913, primeiro não-europeu a receber o prêmio, representou uma abertura tímida, mas significativa, para perspectivas não-ocidentais. Tagore trouxe uma espiritualidade oriental que desafiava sutilmente os padrões estéticos europeus dominantes.

"Tagore foi uma escolha revolucionária disfarçada de conservadora", observa o professor de literatura comparada Dr. James Morrison. "Sua poesia mística parecia segura para os padrões da época, mas na verdade introduziu uma cosmologia completamente diferente na literatura premiada."

#### A Era das Grandes Transformações (1920-1960)

Os anos 1920 marcaram uma virada crucial na história do prêmio. A Primeira Guerra Mundial havia abalado profundamente as certezas da civilização europeia, e isso se refletiu nas escolhas da Academia. A premiação de William Butler Yeats (1923) sinalizou que a Academia começava a reconhecer as experimentações modernistas.

Yeats representava uma literatura que não apenas narrava, mas questionava a própria natureza da realidade e da linguagem. Seus poemas tardios, como "A Segunda Vinda" e "Navegando para Bizâncio", apresentavam uma visão fragmentada do mundo que contrastava drasticamente com a confiança vitoriana dos primeiros laureados.



"Yeats foi o primeiro laureado genuinamente modernista", analisa a professora de literatura irlandesa Dra. Siobhan O'Connor. "Sua poesia não apenas contava histórias; ela investigava os limites da expressão humana e a fragmentação da experiência moderna."

A década de 1930 trouxe escolhas ainda mais ousadas. Luigi Pirandello (1934) havia revolucionado o teatro com suas peças meta-teatrais que questionavam a fronteira entre realidade e ficção. Sua premiação indicava que a Academia começava a valorizar não apenas a qualidade estética, mas também a inovação formal.

Os anos de guerra forçaram uma reflexão profunda sobre o papel da literatura. A premiação de Hermann Hesse (1946), um pacifista que havia criticado o nacionalismo alemão, mostrou que o comitê começava a considerar não apenas o valor estético, mas também a posição ética dos autores diante dos grandes traumas históricos.

"Hesse representou uma virada na consciência do comitê", explica o historiador cultural Dr. Erik Lundberg. "Pela primeira vez, ficou claro que a literatura premiada deveria não apenas refletir seu tempo, mas também oferecer alternativas éticas aos horrores da época."

#### A Revolução dos Anos 1960-1980

Os anos 1960 trouxeram uma transformação radical nos critérios do Nobel. A premiação de Jean-Paul Sartre (1964), que recusou o prêmio, e de Mikhail Sholokhov (1965) mostrou que a Academia estava disposta a reconhecer literaturas politicamente engajadas, mesmo quando controversas.

"Sartre mudou tudo", afirma a filósofa da literatura Dra. Simone Beaumont. "Mesmo recusando o prêmio, ele forçou uma discussão sobre se a literatura poderia ou deveria ser



IMAGEM GERADAPOR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/10/2025"

politicamente neutra. A resposta implícita da Academia foi: não pode e não deve."

A recusa de Sartre foi acompanhada de uma declaração que questionava a própria legitimidade de uma instituição burguesa premiar literatura. Paradoxalmente, sua recusa teve mais impacto que muitas aceitações, forçando uma reflexão sobre as implicações políticas inevitáveis de qualquer premiação literária.

Simultaneamente, o prêmio começou a reconhecer vozes de fora do eixo Europa-Estados Unidos. A premiação de Yasunari Kawabata (1968) mostrou uma Academia disposta a valorizar estéticas não-ocidentais. Kawabata trouxe uma sensibilidade especificamente japonesa que desafiava as convenções narrativas ocidentais.



"Kawabata forçou os leitores ocidentais a repensar o que constitui uma narrativa completa", observa a especialista em literatura japonesa Dra. Akiko Tanaka. "Suas histórias não seguiam a estrutura aristotélica de começo, meio e fim. Elas funcionavam mais como pinturas impressionistas verbais."

A premiação de Gabriel García Márquez (1982) representou outro marco na globalização do prêmio. Márquez havia criado com "Cem Anos de Solidão" uma nova forma narrativa que

mesclava realismo e fantasia de uma maneira que parecia especificamente latino-americana. Seu "realismo mágico" oferecia uma alternativa às formas narrativas europeias dominantes.

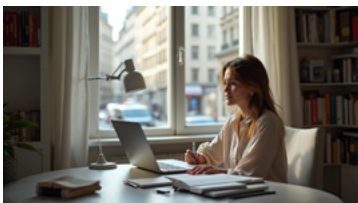
#### A Era Contemporânea: Diversidade e Questionamento (1990-2025)

Os últimos 35 anos marcaram uma democratização radical do Nobel. A premiação de Toni Morrison (1993) foi um marco: pela primeira vez, uma mulher negra americana recebia o prêmio, trazendo para o centro do cânone literário mundial uma perspectiva que havia sido sistematicamente marginalizada.

"Morrison não foi apenas uma escolha politicamente correta", enfatiza o crítico literário Dr. Robert Johnson. "Ela representou uma revolução estética. Sua linguagem incorporava tradições orais africanas de uma forma que expandiu as possibilidades expressivas da literatura em inglês."

Morrison havia desenvolvido uma técnica narrativa única que mesclava o realismo psicológico com elementos da tradição oral afro-americana. Romances como "Amada" e "Jazz" criavam uma linguagem literária que era simultaneamente erudita e popular, capaz de expressar experiências que a literatura americana tradicional havia ignorado ou distorcido.

#### A Virada Autobiográfica



Uma das transformações mais notáveis dos últimos anos foi o reconhecimento de literaturas autobiográficas e memorialísticas. A premiação de Annie Ernaux (2022) representa o ápice dessa tendência. Ernaux desenvolveu uma forma literária que borra as fronteiras entre ficção e não-ficção, criando o que ela chama de "auto-sociobiografia".

"Ernaux mostrou que a experiência pessoal, quando tratada com rigor literário, pode revelar verdades sociais profundas", analisa a socióloga da literatura Dra. Marie Dubois. "Sua obra prova que o 'eu' pode ser tão universal quanto qualquer grande épico."

Ernaux havia começado sua carreira literária nos anos 1970, mas só recentemente sua obra ganhou reconhecimento internacional. Livros como "Os Anos" e "O Lugar" combinam memória pessoal com análise sociológica, criando retratos íntimos da França do pós-guerra que são simultaneamente individuais e coletivos.

#### O Caso László Krasznahorkai (2025)

A premiação mais recente, de László Krasznahorkai, representa uma síntese interessante das tendências contemporâneas. O húngaro combina experimentação formal radical com engajamento político sutil. Suas obras, como "Sátántangó" e "Melancolia da resistência", são simultaneamente exercícios estilísticos virtuosísticos e reflexões profundas sobre a condição pós-comunista na Europa Oriental.

"Krasznahorkai representa o que o Nobel busca hoje", observa a crítica Dra. Anna Kovács. "Um autor que não sacrifica a complexidade estética em favor da clareza política, nem ignora as questões sociais em nome da arte pura. Ele encontra formas de fazer as duas coisas simultaneamente."



# LITERATURA

## Prêmio Nobel de Literatura: A Evolução do Ideal Literário



Krasznahorkai desenvolveu um estilo narrativo único, caracterizado por períodos extremamente longos que podem se estender por páginas inteiras. Suas frases funcionam como rios caudalosos que carregam o leitor através de paisagens mentais e físicas devastadas. É uma prosa que mimetiza formalmente a experiência de viver em sociedades em colapso.

### Os Critérios em Transformação

#### Da Universalidade à Especificidade

Uma das mudanças mais significativas nos critérios do Nobel foi a evolução do conceito de "universalidade". Se antes se buscavam obras que falassem a "toda a humanidade" através de temas supostamente universais, hoje se valoriza a capacidade de revelar o universal através do específico.

"A literatura contemporânea premiada pelo Nobel mostra que não existe experiência humana 'neutra'", explica o teórico literário Dr. Edward Said Jr. "Toda perspectiva é situada. A universalidade emerge não da negação dessa situação, mas de sua exploração profunda."

Essa mudança reflete transformações mais amplas na teoria literária e nos estudos culturais. A ideia de que certas experiências, geralmente masculinas, brancas e europeias, eram automaticamente mais "universais" foi gradualmente questionada e abandonada.

### Estética versus Política: Uma Falsa Dicotomia

Uma das tensões mais persistentes na história do Nobel é a suposta oposição entre valor estético e engajamento político. Essa dicotomia, no entanto, tem se mostrado cada vez mais artificial nos últimos anos.

"Os grandes autores contemporâneos mostram que forma e conteúdo são inseparáveis", argumenta a crítica Dra. Susan Miller. "Autores como Toni Morrison ou José Saramago não fazem literatura política apesar de sua excelência estética, mas através dela."

A premiação de Bob Dylan (2016) levou essa discussão ao extremo. Dylan forçou uma reflexão sobre as fronteiras da própria literatura, expandindo o conceito para incluir formas de expressão tradicionalmente consideradas "menores". Suas canções combinavam poesia de alta qualidade com engajamento social direto, mostrando que a distinção entre arte "pura" e arte "engajada" era menos clara do que se pensava.

### O Futuro do Ideal Literário

O Nobel enfrenta hoje desafios inéditos que forçam uma reavaliação constante dos critérios de excelência. A literatura digital, as novas formas de narrativa transmídia e a influência das redes sociais na criação literária representam territórios ainda pouco explorados pela Academia.

"Estamos vivendo uma revolução nas formas narrativas", observa o especialista em literatura digital Dr. Franco Moretti. "O Nobel terá que decidir se essas novas formas constituem literatura no sentido tradicional ou se representam algo completamente novo."

Talvez a característica mais notável da evolução dos critérios do Nobel seja a persistência do debate sobre o que constitui excelência literária. Cada premiação gera discussões que revelam tanto sobre nossos valores culturais quanto sobre as obras premiadas.

"O Nobel funciona como um espelho da nossa época", conclui o crítico Dr. Harold Bloom

Jr. "As controvérsias que cada premiação gera nos mostram quais são nossos pontos cegos, nos preconcitos e nossas aspirações culturais."

### Conclusão: O Nobel Como Termômetro Cultural

A evolução dos critérios do Prêmio Nobel de Literatura ao longo de mais de um século revela muito mais que mudanças no gosto literário. Ela documenta transformações profundas em nossa compreensão da própria natureza da experiência humana e de como a literatura pode captá-la e expressá-la.

De Rudyard Kipling a László Krasznahorkai, de uma literatura que celebrava certezas imperiais a uma que explora "terror apocalíptico" e "resistência melancólica", o Nobel traçou um arco que espelha as convulsões do século XX e as incertezas do XXI.

O que permanece constante é a busca por obras que expandam nossa compreensão do que significa ser humano. Os meios para alcançar essa expansão mudaram dramaticamente, da elevação moral à experimentação formal, do universalismo abstrato à especificidade situada, da neutralidade política ao engajamento crítico, mas o objetivo fundamental permanece.

Talvez a maior lição da história do Nobel seja que a excelência literária não é uma qualidade fixa, mas um conceito em constante evolução. Cada época descobre novas formas de excelência porque cada época enfrenta novos desafios existenciais que demandam novas formas de expressão.

O Nobel de 2025 para Krasznahorkai sugere que estamos entrando em uma era que valoriza a capacidade de encontrar beleza e significado em meio ao caos, de afirmar "o poder da arte"

precisamente quando tudo parece desmoronar. É um ideal literário adequado para tempos incertos, que exige dos escritores não respostas fáceis, mas a coragem de fazer as perguntas certas.

No final, o Nobel não premia apenas a excelência literária, ele a define. É ao fazê-lo, nos ajuda a entender não apenas o que valorizamos na literatura, mas o que valorizamos em nós mesmos como espécie capaz de criar e apreciar arte em meio às turbulências da história.

### Todos os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

#### Ganhadores Prêmio Nobel de Literatura entre 1901 – 1950

- 1901 – Sully Prudhomme (França)
- 1902 – Theodor Mommsen (Alemanha)
- 1903 – Bjørnstjerne Bjørnson (Noruega)
- 1904 – Frédéric Mistral (França) e José Echegaray (Espanha)
- 1905 – Henryk Sienkiewicz (Polônia)
- 1906 – Giosuè Carducci (Itália)
- 1907 – Rudyard Kipling (Reino Unido)
- 1908 – Rudolf Eucken (Alemanha)
- 1909 – Selma Lagerlöf (Suécia)
- 1910 – Paul Heyse (Alemanha)
- 1911 – Maurice Maeterlinck (Bélgica)
- 1912 – Gerhart Hauptmann (Alemanha)
- 1913 – Rabindranath Tagore (Índia)
- 1915 – Romain Rolland (França)
- 1916 – Verner von Heidenstam (Suécia)
- 1917 – Karl Gjellerup (Dinamarca) e Henrik Pontoppidan (Dinamarca)
- 1919 – Carl Spitteler (Suíça)
- 1920 – Knut Hamsun (Noruega)
- 1921 – Anatole France (França)
- 1922 – Jacinto Benavente (Espanha)
- 1923 – W.B. Yeats (Irlanda)
- 1924 – Władysław Reymont (Polônia)
- 1925 – George Bernard Shaw (Irlanda)
- 1926 – Grazia Deledda (Itália)
- 1927 – Henri Bergson (França)
- 1928 – Sigrid Undset (Noruega)
- 1929 – Thomas Mann (Alemanha)
- 1930 – Sinclair Lewis (Estados Unidos)
- 1931 – Erik Axel Karlfeldt (Suécia)
- 1932 – John Galsworthy (Reino Unido)
- 1933 – Ivan Bunin (Rússia)
- 1934 – Luigi Pirandello (Itália)
- 1936 – Eugene O'Neill (Estados Unidos)
- 1937 – Roger Martin du Gard (França)
- 1938 – Pearl S. Buck (Estados Unidos)
- 1939 – Frans Eemil Sillanpää (Finlândia)
- 1944 – Johannes Vilhelm Jensen (Dinamarca)
- 1945 – Gabriela Mistral (Chile)
- 1946 – Hermann Hesse (Alemanha)
- 1947 – André Gide (França)
- 1948 – T.S. Eliot (Reino Unido)
- 1949 – William Faulkner (Estados Unidos)
- 1950 – Bertrand Russell (Reino Unido)

#### Ganhadores Prêmio Nobel de Literatura entre 1951 – 2000

- 1951 – Pär Lagerkvist (Suécia)
- 1952 – François Mauriac (França)
- 1953 – Winston Churchill (Reino Unido)
- 1954 – Ernest Hemingway (Estados Unidos)
- 1955 – Halldór Laxness (Islândia)
- 1956 – Juan Ramón Jiménez (Espanha)
- 1957 – Albert Camus (França)
- 1958 – Boris Pasternak (Rússia)
- 1959 – Salvatore Quasimodo (Itália)
- 1960 – Saint-John Perse (França)
- 1961 – Ivo Andrić (Iugoslávia)
- 1962 – John Steinbeck (Estados Unidos)
- 1963 – Giorgos Seferis (Grécia)
- 1964 – Jean-Paul Sartre (França)
- 1965 – Mikhail Sholokhov (Rússia)
- 1966 – Shmuel Yosef Agnon (Israel) e Nelly Sachs (Suécia)
- 1967 – Miguel Ángel Asturias (Guatemala)
- 1968 – Yasunari Kawabata (Japão)
- 1969 – Samuel Beckett (Irlanda)
- 1970 – Aleksandr Solzhenitsyn (Rússia)
- 1971 – Pablo Neruda (Chile)
- 1972 – Heinrich Böll (Alemanha)
- 1973 – Patrick White (Austrália)
- 1974 – Eyvind Johnson (Suécia) e Harry Martinson (Suécia)
- 1975 – Eugenio Montale (Itália)
- 1976 – Saul Bellow (Estados Unidos)
- 1977 – Vicente Aleixandre (Espanha)
- 1978 – Isaac Bashevis Singer (Estados Unidos)
- 1979 – Odysseas Elytis (Grécia)
- 1980 – Czesław Miłosz (Polônia)

- 1981 – Elias Canetti (Reino Unido)
- 1982 – Gabriel García Márquez (Colômbia)
- 1983 – William Golding (Reino Unido)
- 1984 – Jaroslav Seifert (Tchecoslováquia)
- 1985 – Claude Simon (França)
- 1986 – Wole Soyinka (Nigéria)
- 1987 – Joseph Brodsky (Rússia/Estados Unidos)
- 1988 – Naguib Mahfouz (Egito)
- 1989 – Camilo José Cela (Espanha)
- 1990 – Octavio Paz (México)
- 1991 – Nadine Gordimer (África do Sul)
- 1992 – Derek Walcott (Santa Lúcia)
- 1993 – Toni Morrison (Estados Unidos)
- 1994 – Kenzaburō Ōe (Japão)
- 1995 – Seamus Heaney (Irlanda)
- 1996 – Wisława Szymborska (Polônia)
- 1997 – Dario Fo (Itália)
- 1998 – José Saramago (Portugal)
- 1999 – Günter Grass (Alemanha)
- 2000 – Gao Xingjian (França/China)

#### Ganhadores Prêmio Nobel de Literatura entre 2001 – 2025

- 2001 – V.S. Naipaul (Reino Unido)
- 2002 – Imre Kertész (Hungria)
- 2003 – J.M. Coetzee (África do Sul)
- 2004 – Elfriede Jelinek (Áustria)
- 2005 – Harold Pinter (Reino Unido)
- 2006 – Orhan Pamuk (Turquia)
- 2007 – Doris Lessing (Reino Unido)
- 2008 – J.M.G. Le Clézio (França)
- 2009 – Herta Müller (Romênia/Alemanha)
- 2010 – Mario Vargas Llosa (Peru)
- 2011 – Tomas Tranströmer (Suécia)
- 2012 – Mo Yan (China)
- 2013 – Alice Munro (Canadá)
- 2014 – Patrick Modiano (França)
- 2015 – Svetlana Alexievich (Bielorrússia)
- 2016 – Bob Dylan (Estados Unidos)
- 2017 – Kazuo Ishiguro (Reino Unido)
- 2018 – Olga Tokarczuk (Polônia)
- 2019 – Peter Handke (Áustria)
- 2020 – Louise Glück (Estados Unidos)
- 2021 – Abdulrazak Gurnah (Reino Unido)
- 2022 – Arnie Ernaux (França)
- 2023 – Jon Fosse (Noruega)
- 2024 – Han Kang (Coreia do Sul)
- 2025 – László Krasznahorkai (Hungria)

#### Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2025

**László Krasznahorkai** é um renomado escritor húngaro, conhecido por suas obras densas e complexas que exploram as profundezas da condição humana. Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, sua escrita é marcada por longas frases, uma abordagem introspectiva e uma visão única sobre a fragilidade e a resistência da humanidade diante das incertezas da vida. Entre suas obras mais notáveis estão *Satantango* e *Melancolia da Resistência*, que ganharam reconhecimento mundial por sua originalidade e impacto literário. Krasznahorkai é celebrado por sua habilidade em capturar o caos e a beleza do mundo em prosa, consolidando-se como uma das vozes literárias mais importantes de nosso tempo.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



LITERATURA

Literatura Infantojuvenil: Formando Caráter e Imaginário com Histórias Atemporais



Por Jeane Tertuliano  
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

“A urgência mansa de escrever para quem vê o mundo com olhos de estrela”



Infância tem sede de histórias! Não histórias quaisquer, mas daquelas que atravessam o tempo e o peito, que entram de mansinho e, sem pedir licença, armam rede na alma. A literatura infantojuvenil é isso: mais do que letras enfileiradas para ensinar a ler, é bússola afetiva, espelho encantado e passaporte para mundos que o mundo real teima em calar.

Falar de caráter pode até soar antiquado em tempos de pressa, mas é justamente nos livros com cheiro de fruta madura que os valores mais profundos se escondem. Uma criança que lê sobre amizade, respeito, escolhas e consequências está, sem perceber, desenhando o contorno do seu mundo interno. Está descobrindo que



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025"

coragem também treme, que ajudar é outra forma de amar e que errar... às vezes é só um jeito do coração aprender mais devagar.



E o imaginário? Ah, o imaginário... esse lugar sagrado que os adultos vivem tentando trancar em gavetas com nome e senha, quando deveriam era abrir janelas e brincar de vento. A criança que conversa com gatos mágicos, dança com estrelas ou entra em florestas encantadas não está fugindo da realidade. Está ampliando-a. Está dizendo, com olhos brilhando, que sonhar é uma maneira legítima de existir. E que toda revolução, antes de explodir nas ruas, acende primeiro no silêncio das ideias.



Histórias atemporais não são aquelas amareladas pelo tempo, mas as que conversam com quaisquer corações, de quaisquer idades, a qualquer hora. São as que não envelhecem porque tocam o que o tempo não alcança: a capacidade de sentir, imaginar e criar mundos possíveis. São as que moldam caráter com doçura e abrem o imaginário com delicadeza, sem jamais subestimar a inteligência de quem lê, mesmo que tenha só seis anos e um dente mole prestes a cair.

Eu escrevo para crianças porque confio nelas. Confio no que são e, ainda mais, no que podem vir a ser. Escrevo porque a literatura

infantojuvenil tem uma urgência mansa, uma força que sussurra, uma ternura que transforma. E quem a escreve precisa ter escuta de concha, alma de estrela-do-mar e coragem de floresta. Precisa lembrar, sem tropeçar, que criança não é o futuro. Criança é agora. É o presente mais presente que existe.

Que venham mais livros com sabor de sonho e cheiro de chão molhado. Que sejam escritos para os leitores miúdos com a mesma reverência com que se escreve para os grandes. Que contem histórias que encantem, inquietem, desafiem, acolham. E que nunca, em hipótese alguma, neguem à infância o direito de um final poético, mesmo que imperfeito, mesmo que aberto, mesmo que suspenso no ar como um balão que se recusa a descer.

Porque crescer é isso: entender que a vida nem sempre fecha com chave de ouro, mas que vale, e muito, cada capítulo vivido.

Quando as Histórias Curam:

Biblioterapia e o Poder Terapêutico da Literatura Infantil

Por J.B Wolf  
EDITOR CHEFE

Em uma ala pediátrica de São Paulo, uma menina de oito anos se recusa a falar desde que chegou ao hospital. Os médicos tentaram de tudo, os pais estão desesperados, e as enfermeiras já não sabem mais como se aproximar. Até que uma voluntária traz um livro: "O Monstro das Cores", de Anna Llenas. Página por página, a criança começa a apontar para as emoções coloridas do personagem. Primeiro o medo, depois a tristeza, até que finalmente sussurra: "Eu também estou toda misturada por dentro."

Esta cena, que se repete diariamente em hospitais, escolas e consultórios pelo Brasil, ilustra uma verdade que a ciência vem confirmando: as histórias têm o poder de curar. Não de forma mágica ou fantasiosa, mas através de um processo estruturado e fundamentado que a psicologia chama de biblioterapia. É a prova concreta de que a literatura infantojuvenil possui, sim, aquela "urgência mansa" e "força que sussurra" capazes de transformar dores em palavras e medos em compreensão.

A biblioterapia não é uma novidade. Suas raízes remontam à Grécia Antiga, onde bibliotecas eram consideradas "lugares de cura para a alma". No contexto contemporâneo, especialmente aplicada ao público infantojuvenil, ela se define como o uso estruturado da literatura para promover saúde mental, facilitar a expressão de sentimentos e desenvolver estratégias de enfrentamento para situações difíceis.

@poetajbwolf



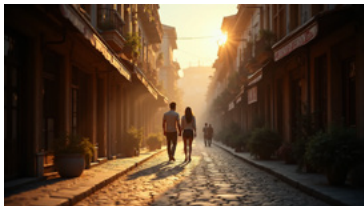
"O Café Passagem" - Capítulo 3: A caminhada

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf  
ESCRITOR



Arde de domingo se estendia preguiçosa pelas ruas do centro antigo quando Daniel e Luísa deixaram O Café Passagem. O sol filtrado pelas nuvens criava uma luz dourada que parecia abençoar a caminhada, como se a própria cidade conspirasse para tornar aquele momento especial.



— Para que lado? — perguntou Daniel, ajustando a alça da mochila onde guardava o caderno.  
— Rua das Flores — Luísa respondeu, surpreendendo-se com a naturalidade do gesto

quando apontou a direção. — Fica a uns quinze minutos daqui.

Eles caminharam em silêncio pelos primeiros quarteirões, absorvendo a estranheza confortável de estarem juntos. Luísa observava Daniel pelo canto do olho, a forma como ele evitava pisar nas rachaduras da calçada, como seus olhos se detinham nas vitrines das lojas antigas, como parecia estar constantemente ouvindo algo que ela não conseguia escutar.

— Posso fazer uma pergunta? — ela disse quando passaram por uma floricultura.

— Todas as que quiser.

— No caderno, você escreveu sobre meu medo de trovões. Como soube disso?

Daniel hesitou, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

— Eu vejo você aos cinco anos, escondida debaixo da cama durante uma tempestade. Sua mãe tenta te convencer a sair, mas você só aceita quando ela traz uma lanterna e finge que vocês estão explorando uma caverna.

Luísa parou de caminhar. O coração disparou.

— Minha mãe nunca contou isso para ninguém. Nem eu me lembrava desse detalhe da lanterna.

— Mas aconteceu?

— Aconteceu — ela sussurrou. — Eu tinha cinco anos. Como você pode saber disso?

Daniel não respondeu imediatamente. Eles retomaram a caminhada, passando por uma padaria que exalava aroma de pão fresco.

— E a coleção de miniaturas de faróis? — Luísa insistiu.

— Você começou aos doze anos, depois de ler um livro sobre uma menina que morava em um farol. A primeira miniatura foi um presente de aniversário da sua tia Helena. Está

guardada numa caixa de sapatos no alto do seu guarda-roupa.

Luísa sentiu as pernas fraquejarem.  
— Daniel, isso é... isso é impossível. Eu nunca falei sobre os faróis para ninguém. É uma coisa boba, infantil. Nem minha melhor amiga sabe.  
— Mas você ainda compra uma miniatura nova a cada ano, no seu aniversário. Uma tradição secreta.

Era verdade. Todo dia 15 de março, Luísa visitava uma loja de antiguidades e escolhia um farol em miniatura. Tinha vinte e três na coleção. Ninguém sabia.

— Como? — ela perguntou, parando novamente. — Como você pode saber essas coisas?

Daniel se virou para encará-la. Seus olhos castanhos refletiam uma mistura de ternura e melancolia.

— Eu não sei como, Luísa. Só sei que quando escrevo sobre você, é como se eu estivesse lembrando, não inventando. Como se essas memórias sempre tivessem estado lá, esperando para serem descobertas.



Eles continuaram caminhando, passando por uma livraria antiga com livros expostos na calçada. Luísa tocou a lombada de um exemplar de "Mensagem", de Pessoa.

— E o ponto de nascença atrás da minha orelha?

— Esquerda. Formato de uma pequena lua crescente.

Instintivamente, Luísa levou a mão à orelha.

O ponto estava lá, escondido pelos cabelos, exatamente como ele descrevera.

— Você escreveu sobre outras pessoas antes de mim?

— Não — Daniel respondeu sem hesitação. — Só você. Durante três anos, só você.

— Mas por quê? Por que eu?

— Essa é a pergunta que me mantém acordado todas as noites.

Eles viraram na Rua das Flores, uma via estreita ladeada por casas antigas com varandas de ferro trabalhado. Luísa apontou para um prédio de três andares com azulejos azuis na fachada.  
— É ali. Segundo andar.



Quando chegaram à porta, nenhum dos dois parecia pronto para se despedir. Daniel olhou para as janelas do segundo andar, como se tentasse gravar cada detalhe na memória.

— Luísa?  
— Sim?  
— Você tem medo de mim?  
A pergunta a pegou desprevenida. Ela

estudou o rosto dele, as linhas de preocupação ao redor dos olhos, a tensão na mandíbula, a vulnerabilidade que ele tentava esconder.

— Deveria ter — ela admitiu. — Qualquer pessoa sensata teria. Mas não, Daniel. Eu não tenho medo de você.

— E do que eu represento?

— Isso me apavora — ela confessou. — A ideia de que talvez o mundo seja muito mais estranho e maravilhoso do que eu imaginava. A possibilidade de que algumas coisas sejam... destinadas.

Daniel sorriu, e pela primeira vez desde que se conheceram, o sorriso chegou aos olhos.

— Posso te ver na próxima semana? Não necessariamente no domingo. Qualquer dia.

— Quarta-feira — Luísa respondeu sem hesitar. — Tenho uma pausa no trabalho às três da tarde. Podemos nos encontrar no café.

— Quarta-feira às três — ele repetiu, como se estivesse memorizando uma oração.

Luísa subiu os três degraus até a porta do prédio e se virou para olhá-lo uma última vez.

— Daniel?

— Sim?

— Obrigada por me acompanhar até em casa.

— Obrigado por me deixar.

Ela entrou no prédio e subiu as escadas, ouvindo os passos de Daniel se afastando na calçada. Quando chegou ao apartamento, correu até a janela e o viu caminhando devagar pela rua, as mãos nos bolsos, a cabeça ligeiramente inclinada como se estivesse conversando consigo mesmo.

CONTINUA....



LITERATURA

Alexandre Dumas e os Verdadeiros Três Mosqueteiros



Por Mariana Pacheco  
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.  
@marianapacheco.mp

Na primeira traduzida para o Brasil, a edição de 2024 de “O Visconde de Bragelonne” da editora Zahar vem trazer o desfecho das aventuras de “Os Três Mosqueteiros”, obra clássica francesa de Alexandre Dumas, originalmente publicada em 10 volumes, e que agora se encontra acessível para os leitores brasileiros. E podemos novamente discutir sobre a complexidade deste romance histórico que marcou gerações.



Apesar de “O Conde de Monte Cristo” ser a estrela da carreira de Alexandre Dumas, “Os Três Mosqueteiros” é o épico histórico de aventura, e ambos foram publicados na mesma época (1844 a 1845) no formato de folhetim. A inspiração para a narrativa veio de um pequeno empréstimo das memórias do capitão dos mosqueteiros Charles de Batz-Castelmore, escrito por Gatien de Courtlitz de Sandras, reconhecido em seu tempo por suas proezas e talento na esgrima, servindo o rei Luís XIV. Surgia a figura de D'Artagnan. E seus outros três grandes amigos, Athos, Porthos e Aramis também foram inspirados em personagens reais:



Armand de Sillègue d'Athos d'Autevielle (ATHOS) não foi o mosqueteiro mais velho dos quatro, sem muitas conquistas ou grande destaque no regimento da guarda real dos mosqueteiros, tendo falecido aos 28 anos em um duelo. Na literatura, Athos ganhou destaque, como o líder dos demais, guiando-os de forma estratégica em suas missões e combates, de forma centrada e inteligente, além de ser um esgrimista exímio.

Isaac de Portau (PORTHOS) foi inspirado em um soldado, prestando seu serviço na guarda junto do verdadeiro D'Artagnan. Sua figura foi relevante por conta do nome de sua família nobre. Se Porthos era bom na arte da esgrima, não se tem informações. Já nos livros, Porthos é aquele cara que sabe se divertir, mas sem perder sua capacidade de derrubar o inimigo por sua força e praticidade em combate.



Henri d'Aramitz (ARAMIS) foi mosqueteiro do rei, além de abade laico de origem protestante, nascido na Gasconha, e também afilhado do Monsieur de Tréville (comandante dos mosqueteiros na época), sendo assim fácil de adquirir seu posto como soldado. Lutou junto com Porthos, mas não com D'Artagnan. Se casou e teve dois filhos e duas filhas. Dumas colocou Aramis em seu livro como um padre, extremamente eclesiástico apesar da função de soldado, e um bom esgrimista.

Charles de Batz-Castelmore (D'ARTAGNAN) - O cara mais importante do quarteto, teve seu início de história muito semelhante com aquela contada por Dumas. Decidido a se tornar um mosqueteiro aos 19 anos de idade, sai de sua cidade natal Castelmore (na Gasconha) rumo a Paris, largando o nome de seu pai, emprestando o nome de sua mãe, Montesquiou d'Artagnan, para ser melhor reconhecido na corte.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025”

A troca de nomes deu certo e logo ele entrou para os mosqueteiros, e de fato foi reconhecido como um excelente esgrimista e por realizar grandes proezas, e ser um homem de confiança do rei para missões importantes. Se casou e teve duas filhas, depois se divorciou após 6 anos do matrimônio. Acabou morrendo em batalha em um conflito entre a França e Holanda, em 1673.

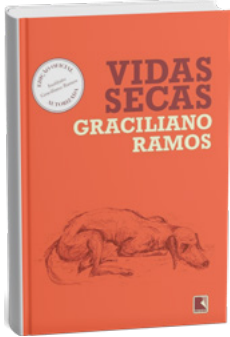
Igualmente, o D'Artagnan dos livros começa como um jovem decidido a vestir o uniforme dos mosqueteiros, e se torna muito conhecido por sua habilidade e proezas, acabando por ser o personagem principal da obra, se sobressaindo aos outros três, que são de fato os 3 mosqueteiros.

A aventura começa no primeiro volume, conhecido pelo nome “Os Três Mosqueteiros”, mas que originalmente deveria ser “Os

Inseparáveis”. Depois, Alexandre Dumas publica “Vinte Anos Depois” (1845), reforçando a amizade dos 4 soldados, e finaliza com “O Visconde de Bragelonne” (1847), um desfecho que levaria os leitores a se despedir dignamente dos quatro amigos, que veem a lealdade derrotada pela luz solar de um jovem rei, Luís XIV, e o fim de uma era de Capa e Espada na França.



Indicação de leitura

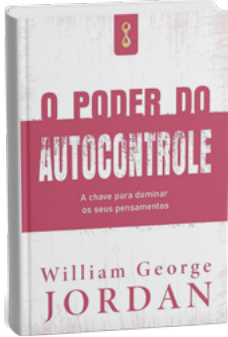


"Vidas Secas de Graciliano Ramos"

Lançado originalmente em 1938, Vidas secas retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O pai, Fabiano, caminha pela paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro com a sua mulher, Sinhá Vitória, e os dois filhos, que não têm nome, sendo chamados apenas de “filho mais velho” e “filho mais novo”. São também acompanhados pela cachorrinha da família, Baleia, cujo nome é irônico, pois a falta de comida a fez muito magra.

Vidas secas pertence à segunda fase modernista da literatura brasileira, conhecida como “regionalista” ou “romance de 30”. Denuncia fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino. É o romance em que Graciliano alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa: o que impulsiona os personagens é a seca, áspere e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.

Indicação de leitura



"O poder do autocontrole de William G. Jordan"

Descubra o segredo do autocontrole. Este livro foi selecionado por estudiosos como um verdadeiro artefato histórico, sendo culturalmente importante, e faz parte da base de conhecimento da civilização ocidental e da história dos EUA como a conhecemos. Esta obra foi reproduzida a partir do artigo original e permanece a mais fiel possível a sua fonte de origem. O homem tem dois criadores: seu Deus e ele mesmo. Seu primeiro criador fornece a matéria-prima de sua vida e as leis em conformidade com as quais ele pode fazer dela o que quiser. Seu segundo criador – ele mesmo – tem poderes maravilhosos que raramente percebemos. O que conta é o que o homem faz de si mesmo. Quando falhamos na vida, normalmente nos vem à mente: “Eu sou como Deus me fez”. Mas quando conseguimos algo, orgulhosamente assumimos que chegamos até ali sozinhos. O ser humano é colocado neste mundo não como uma finalidade, mas como uma possibilidade.

# Editora Valletti Books

## PUBLIQUE SEU LIVRO COM QUALIDADE E ECONOMIA!

### A MELHOR OPÇÃO PARA REALIZAR SEU SONHO.

#### PACOTE PROMOCIONAL

- 100 livros em preto e branco
- Até 120 páginas
- Formato 14,8 x 21 cm
- Capa colorida com orelha de 7 cm
- Prova do livro gratuito

- Mockups
- Divulgação + Vídeo Lançamento
- R\$ 2.100,00 - Entrada de R\$ 600,00
- + 3x de R\$ 500,00 no cartão
- Válido até 12/2025

GARANTA SUA PUBLICAÇÃO AGORA!

Seu livro merece ser publicado com qualidade e visibilidade! Na Valletti Books, oferecemos tudo o que você precisa para lançar sua obra dos sonhos: prova gratuita, mockups profissionais, divulgação e até um vídeo de lançamento! Tudo isso por apenas R\$ 2.100. Entre em contato pelo Instagram @vallettibooks ou acesse vallettibooks.com.br Mas atenção: promoção válida até dezembro de 2025! Não perca essa oportunidade única.



CULTURA

Comunidades quilombolas: Tradições Culturais



Por Beth Baltar  
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth\_baltar



As Comunidades Quilombolas ou Quilombos eram formados por pessoas escravizadas que fugiam da escravidão e da violência em que viviam, para escapar dos senhores de engenho, cuja formação

teve início no período colonial, tendo seus primeiros registros no século XVI e atualmente são formadas por descendentes africanos escravizados. Esses espaços são símbolos da resistência contra a política escravocrata e existem em vários estados brasileiros, em lugares isolados e mais próximos da natureza, em matas e selvas, de difícil acesso e longe dos centros urbanos.

Antes da colonização, na África Ocidental, os povos eram nômades e após longas viagens, os africanos descansavam em acampamentos chamados de “quilombos”, que em banto, conjunto de línguas do grupo nigero-congolés oriental faladas na África, quer dizer algo como “sociedade guerreira com rigorosa disciplina militar”

No Brasil, após a abolição da escravatura, os quilombos continuaram existindo e o Quilombo dos Palmares é um dos mais conhecidos, localizado na região da Serra da Barriga, entre os estados de Alagoas e Pernambuco, entre os séculos XVI e XVII. O que deu o nome de Palmares foi o fato da região ser rica em Palmeiras. Era um povoado que abrigava cerca de 20 mil habitantes em nove aldeias chamadas de mocambos, que no dialeto banto falado pelos negros, eram “esconderijos”. Em quase cem anos de resistência aos ataques portugueses e holandeses, índios e brancos marginalizados também se juntaram a eles. Em 1694, Palmares foi destruído e seu último líder Zumbi, morto em 1695.

Embora os quilombolas não tenham deixado registros escritos, as comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e culturas trazidos por seus antepassados, que são transmitidas de geração em geração. As comunidades quilombolas preservam ricas tradições culturais, como a música, a dança, a culinária, a religiosidade, as festas e o artesanato que se manifestam em cada comunidade de maneira única.

Não vamos nos deter a uma Comunidade



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025”

Quilombola especificamente, mas as tradições culturais destas comunidades:

Os ritmos e danças afro-brasileiras que carregam histórias de luta de liberdade e memórias ancestrais são o jongo, o tambor de crioula, o lundu e a desfeiteira.

As expressões culturais e celebrações religiosas marcantes para a identidade quilombola e a resistência são as festas religiosas como as de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito, em particular, que homenageia o santo negro reforçando a importância da memória ancestral e fortalecendo os laços comunitários.

Na culinária utilizam ingredientes locais, valorizando a alimentação saudável, refletindo a relação com a terra e a natureza, com pratos típicos que variam de acordo com a região e a comunidade.

O artesanato é produzido com materiais naturais, como cestaria, cerâmica e tecelagem, revelam a criatividade e as habilidades das comunidades, além de serem fontes de renda para as famílias, fortalecem a economia local e

de certa forma a autonomia de cada comunidade.

Outras tradições, embora não sejam exclusivas das comunidades quilombolas, como a capoeira, o candomblé, a umbanda, a contação de histórias são também manifestações fundamentais para preservação da cultura e identidade quilombola.

O reconhecimento e valorização dessas tradições, por meio de ações culturais e de políticas públicas e ações culturais, contribuem para combater à exclusão social e o racismo, fortalecendo a luta por direitos e o reconhecimento da diversidade cultural do Brasil, fundamentais para garantir a continuidade de suas práticas e tradições.

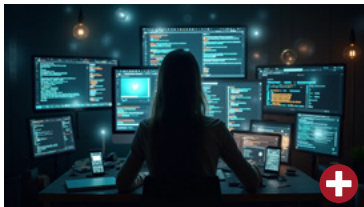


O Colapso da Atenção: impactos cognitivos e culturais da hiperconectividade

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR  
The Bard News, Redação

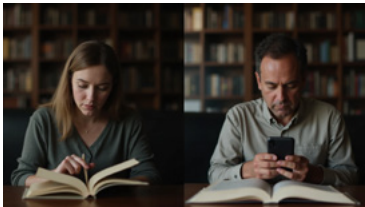
A atenção virou moeda disputada na era digital: estudos em neurociência revelam que hiperconectividade fragmenta o foco, reduz retenção e altera hábitos de leitura profunda.



A atenção virou a moeda mais disputada do nosso tempo. Cada notificação, cada vídeo em autoplay, cada feed que nunca termina foi desenhado para capturar segundos do nosso olhar. Essa engenharia do engajamento, eficiente e onipresente, não é neutra: estudos em neurociência e comportamento vêm mostrando que o uso contínuo de dispositivos digitais, sobretudo em regime de múltiplas tarefas e interrupções frequentes, fragmenta o foco, reduz a capacidade de retenção e altera hábitos de leitura que sustentavam o pensamento profundo. Pesquisas conduzidas por Gloria Mark indicam que intervalos de atenção em ambientes digitais encurtaram de forma dramática com o avanço das plataformas sociais, enquanto o conceito de “attention residue”, de Sophie Leroy, ajuda a explicar por que mudar de tarefa deixa um “resíduo” cognitivo que degrada o desempenho na atividade seguinte. Na prática, respondemos

mensagens durante uma leitura, checamos o celular entre parágrafos e, quando voltamos, já não pensamos do mesmo ponto.

No cérebro, a alternância constante aciona circuitos de recompensa que funcionam por reforços variáveis, às vezes há uma mensagem importante, às vezes não, um mecanismo conhecido por ser especialmente aditivo. Esse empurrão dopaminérgico recompensa o ato de checar, e não a tarefa de profundidade. A leitura, que exige manutenção de contexto e memória de trabalho, é a primeira a sofrer: autores como Maryanne Wolf chamam atenção para a transição de uma “leitura profunda” para um modo de escaneamento apressado, com menor integração semântica e empobrecimento da inferência. Em paralelo, estudos de Clifford Nass e colegas sugerem que “heavy media multitaskers” têm mais dificuldade para filtrar distrações irrelevantes, o que ajuda a entender por que o ruído informacional invade atividades que demandam raciocínio analítico e criatividade.



Esse ambiente não impacta apenas indivíduos; molda a cultura. A esfera pública passa a valorizar o que é curto, reativo e emocionalmente contagiante. Em sala de aula, professores relatam mais dificuldade para sustentar discussões longas, leituras extensas e projetos que pedem persistência. O repertório cognitivo que sustenta pensamento crítico, comparar fontes, estabelecer relações, construir argumentos, depende de continuidade atencional. Quando essa continuidade é fatiada por pings e pop-ups, perde-se o espaço mental onde ideias amadurecem. O resultado é uma tensão estrutural: um ecossistema de mídia que privilegia o imediato e uma educação que, para

formar plenamente, precisa cultivar o demorado.

Reprogramar a atenção: passos práticos para escolas, famílias e plataformas

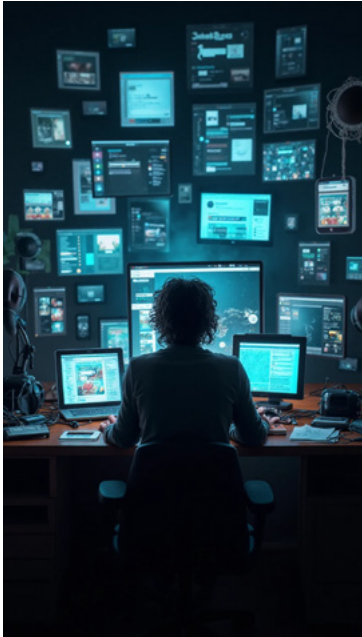
Se a atenção foi transformada em mercado, reeducá-la é um projeto pedagógico e social. Isso começa por desenhar ambientes que protejam blocos de concentração. Em escolas, a organização de janelas sem tela para leitura longa e escrita à mão, combinada com momentos específicos de pesquisa digital orientada, ajuda a recuperar a alternância saudável entre profundidade e exploração. Aulas que integram projetos de médio prazo com etapas claras, feedbacks definidos e tempo para revisão, recompensam a persistência e reduzem a ansiedade de resultados imediatos. Ao mesmo tempo, ensinar a metacognição (como planejar uma tarefa, monitorar desvios e revisar estratégias) devolve ao aluno a agência sobre seu próprio foco.

Há também medidas de higiene digital simples e eficazes: notificação silenciosa como padrão, agrupamento de checagens em horários determinados, telas fora do quarto à noite, e um “modo avião social” acordado em sala de aula e em casa. Protocolos de atenção, como ciclos de trabalho focado intercalados por pausas breves, funcionam melhor quando acompanhados de metas concretas e rituais de entrada e saída, abrir o caderno, revisar o objetivo, anotar o próximo passo antes de interromper. Treinos curtos de atenção plena têm mostrado ganhos na autorregulação e na capacidade de permanecer na tarefa, especialmente entre jovens em ambientes altamente estimulantes.

Famílias e educadores ganham quando restauram o valor de experiências que pedem tempo: leitura compartilhada, conversas sem dispositivo por perto, práticas artísticas e esportivas que exigem sequência e memória corporal. São antídotos culturais à lógica do “tudo agora”. Do lado das plataformas, a responsabilidade é inescapável. Design ético, com fim da rolagem infinita por padrão, desativação de autoplay,

transparência sobre mecanismos de recomendação e limites para notificações ativas dirigidas a menores, reequilibra o tabuleiro. Quando o padrão favorece a calma, o indivíduo não precisa nadar contra a corrente o tempo todo.

Nenhuma dessas medidas, isoladamente, resolverá uma transformação de época. Mas, combinadas, redesenham hábitos e expectativas. A economia da atenção mostra que o que medimos e recompensamos, colhemos. Se recompensamos tempo de tela a qualquer custo, obteremos dispersão produtiva para poucos e exaustão para muitos. Se recompensamos tempo de qualidade, leituras longas, projetos consistentes, silêncio fértil, retomaremos a capacidade de pensar com continuidade. Reprogramar o foco é, no fim, um ato de soberania: uma escolha coletiva por uma cultura onde profundidade volta a valer mais do que barulho.



GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



2º Capítulo

Alguém estava coletando minhas palavras não ditas.

Voltei para casa e, pela primeira vez em décadas, examinei minha coleção com olhos de estranho.

Que tipo de homem dedica a vida a colecionar os silêncios alheios? Que tipo de existência é esta, alimentada pela incapacidade de outros de se expressarem? Caminhei entre as prateleiras como um fantasma visitando seu próprio mausoléu.

Foi então que notei: não havia espelhos em meu apartamento.

Quando foi que os removi? Não conseguia lembrar. Corri até o banheiro — a parede sobre a pia exibia apenas o retângulo mais claro onde o espelho costumava ficar. Procurei pela casa inteira. Nenhum reflexo. Nenhuma superfície que pudesse me devolver minha própria imagem.

Sentei-me no chão da sala, cercado por milhares de palavras mortas, e tentei me lembrar da última vez que havia visto meu rosto.

A memória não veio.

Na sexta-feira, não fui trabalhar.

Permaneci em casa, observando os frascos, tentando decifrar o mistério de minha própria existência. Quando foi que havia parado de comer? Não sentia fome há... quanto tempo? Quando foi a última vez que dormi? Meu corpo parecia funcionar por inércia, como um relógio que continua marcando as horas mesmo depois que a corda acaba.

Ao entardecer, ouvi passos no corredor. Alguém subiu os três lances de escada até meu apartamento. Parou diante da porta. Não bateu.

— Joaquim — disse uma voz que reconheci como minha própria, mas mais jovem. — Está na hora.

Abri a porta.

Do outro lado estava um menino de doze anos, segurando um frasco de compota vazio.

— Você não se lembra de mim — disse o menino, e era verdade. Seu rosto me era familiar e estranho ao mesmo tempo, como uma fotografia desbotada de alguém que talvez eu tivesse conhecido em sonhos.

— Quem é você?

— Sou você. Ou você é eu. Ou somos ambos a mesma coisa que nunca existiu de verdade. — Ele entrou no apartamento sem ser convidado, examinando os frascos com a curiosidade de quem visita um museu. — Bonita coleção. Pena que não é sua.

— Como assim não é minha?

O menino sorriu com a tristeza de quem carrega um segredo pesado demais para sua idade.

— Você acha que coleciona as últimas palavras dos outros, Joaquim. Mas na verdade, você é uma coleção de últimas palavras. Cada frasco aqui contém uma parte de você que nunca conseguiu se expressar.

Senti o chão desaparecer sob meus pés.

— Isso é impossível.

— É? — Ele pegou o frasco mais antigo, aquele primeiro “Perdão”. — Você se lembra do homem que morreu ao lado de seu pai? Claro que não. Porque esse homem era você. Você morreu naquela noite, aos quarenta e nove anos, tentando pedir perdão ao pai por uma vida desperdiçada. Mas as palavras não saíram.

As memórias começaram a se reorganizar como peças de um quebra-cabeça macabro.

CONTINUA...



@poetajbwolf



## CULTURA

Ditados Populares e a Sabedoria Ancestral:  
O Tesouro Oral que Resiste ao Tempo

Cápsulas de Conhecimento Atravessaram Séculos e Continuam Iluminando Nossa Vida Moderna

## CULTURA

- Leia o artigo completo no Site

## POR

The Bard News, Redação

Quem não tem cão, caça com gato." "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura." "Devagar se vai ao longe." Essas frases, aparentemente simples, carregam séculos de experiência humana condensada em poucas palavras. São ditados populares, pequenas cápsulas de sabedoria que atravessaram gerações, resistindo às transformações sociais, tecnológicas e culturais. Em uma época de comunicação instantânea e superficial, esses fragmentos da tradição oral representam algo cada vez mais raro: conhecimento destilado pela experiência coletiva.



Os ditados populares são muito mais que encapsulam verdades universais sobre a experiência humana. Eles nascem da observação atenta da vida cotidiana, cristalizando em palavras simples insights profundos sobre comportamento, relacionamentos, trabalho, natureza e destino.

*A Natureza dos Ditados:  
Filosofia em Cápsulas*

Os ditados populares são expressões concisas que encapsulam verdades universais sobre a experiência humana. Eles nascem da observação atenta da vida cotidiana, cristalizando em palavras simples insights profundos sobre comportamento, relacionamentos, trabalho, natureza e destino.

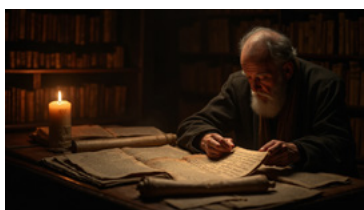
"Os ditados são a filosofia do povo", explica o folclorista Dr. Antônio Ribeiro, especialista em tradição oral brasileira. "Eles representam séculos de observação humana transformada em conhecimento prático. São a prova de que a sabedoria não é privilégio da erudição, mas fruto da experiência vivida."

Diferentemente dos textos filosóficos acadêmicos, os ditados não precisam de explicação ou contexto erudito. "Quem semeia vento, colhe tempestade" contém uma teoria completa sobre causa e consequência, responsabilidade pessoal e justiça cósmica, tudo expresso em seis palavras que qualquer criança pode compreender.

Os ditados funcionam através de mecanismos linguísticos específicos que facilitam sua memorização e transmissão. A maioria utiliza recursos como rima, ritmo, aliteração e paralelismo, criando uma musicalidade que se fixa naturalmente na memória. "Devagar se vai ao longe" exemplifica essa estrutura: o ritmo pausado das palavras mimetiza o conceito que expressa.

## As Origens da Sabedoria Ancestral

A tradição dos ditados populares remonta às civilizações mais antigas. O Livro de Provérbios, atribuído ao Rei Salomão, data de aproximadamente 950 a.C. e contém máximas que ainda hoje ecoam na sabedoria popular mundial.



"Os ditados são universais porque abordam aspectos fundamentais da condição humana", observa a antropóloga Dra. Maria Helena Santos. "Amor, trabalho, família, justiça, tempo,



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/10/2025"

morte são temas que preocupam todas as culturas. Por isso encontramos provérbios similares em sociedades que nunca tiveram contato entre si."

No Brasil, os ditados populares resultam de uma síntese cultural complexa. Elementos da tradição oral portuguesa se misturaram com sabedoria indígena e africana, criando um repertório único que reflete nossa formação multicultural. "Quem não tem cão, caça com gato" expressa a criatividade brasileira diante da escassez, transformando limitação em oportunidade.

Durante milênios, os ditados foram transmitidos exclusivamente pela oralidade. "A tradição oral funciona como um filtro natural", explica o linguista Dr. João Carlos Mendes. "Ditados que não fazem sentido ou não são úteis simplesmente desaparecem. Os que chegam até nós passaram por um processo de seleção natural que durou séculos."

*A Sabedoria Condensada: Temas Universais - Trabalho e Perseverança*

Uma categoria significativa de ditados aborda a relação entre esforço e resultado. "Quem planta, colhe", "Devagar se vai ao longe" e "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura" formam um conjunto coerente de ensinamentos sobre a importância da persistência e do trabalho constante.

Esses ditados refletem uma visão de mundo baseada na experiência agrícola, onde o tempo entre plantio e colheita ensina paciência, e a observação da natureza revela que pequenos esforços constantes superam grandes esforços esporádicos.

*Relacionamentos Humanos*

"Dize-me com quem andas e te direi quem és", "Quem tem boca vai a Roma" e "Em boca fechada não entra mosca" oferecem orientações sobre comunicação, influências sociais e discrição. Esses provérbios revelam uma compreensão sofisticada da psicologia humana.

"Os ditados sobre relacionamentos são manuais de sobrevivência social", observa a psicóloga Dra. Ana Beatriz Ferreira. "Eles ensinam como navegar as complexidades humanas, quando falar e quando calar, como identificar intenções ocultas e como se proteger de manipulações."

*Tempo e Oportunidade*

A sabedoria popular demonstra uma compreensão profunda da natureza temporal da existência. "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje", "A ocasião faz o ladrão" e "Quem espera sempre alcança" parecem contraditórios,

mas na verdade abordam aspectos diferentes da relação com o tempo.

"Esses ditados ensinam que existe um tempo certo para cada ação", explica o filósofo Dr. Paulo Andrade. "Eles revelam uma sabedoria temporal que reconhece tanto a importância da ação oportuna quanto da paciência estratégica."

*Ditados Brasileiros:  
Nossa Identidade em Provérbios*

O Brasil desenvolveu um repertório único de ditados que refletem características específicas da cultura nacional. "Quem não tem cão, caça com gato" expressa a famosa criatividade brasileira, a capacidade de improvisar soluções com recursos limitados.

"Esse ditado é profundamente brasileiro", observa o folclorista Dr. Câmara Cascudo Jr. "Ele celebra a capacidade de adaptação que foi fundamental para a sobrevivência em um país de dimensões continentais e recursos desigualmente distribuídos."



A formação multicultural brasileira se reflete na diversidade de origens dos nossos ditados. Elementos africanos, como "Quando a esmola é demais, o santo desconfia", trouxeram perspectivas diferentes sobre generosidade e desconfiança. Elementos indígenas aparecem em provérbios que relacionam comportamento humano com observação da natureza.

*A Relevância Contemporânea  
Sabedoria Atemporal em Mundo Digital*

Em uma era de comunicação instantânea e informação superficial, os ditados populares oferecem algo cada vez mais raro: conhecimento destilado pela experiência. Enquanto as redes sociais promovem a velocidade e a novidade, os provérbios celebram a permanência e a profundidade.

"Os ditados são antídotos contra a superficialidade contemporânea", argumenta o sociólogo Dr. Marcos Silva. "Eles nos lembram que algumas verdades são atemporais, que a sabedoria não se torna obsoleta com a tecnologia."

"Devagar se vai ao longe" ganha nova relevância em uma cultura da pressa, onde a ansiedade por resultados imediatos muitas vezes compromete objetivos de longo prazo. "Quem muito fala, pouco acerta" ressoa em uma época de excesso de informação e opinião.

*Aplicações Modernas*

Curiosamente, muitos ditados populares encontram eco em descobertas científicas

contemporâneas. "Mente sã em corpo sã" antecipa em séculos as descobertas da medicina psicosomática sobre a conexão entre saúde física e mental.

"A ciência moderna frequentemente confirma o que a sabedoria popular já sabia", observa o neurocientista Dr. Rafael Andrade. "Os ditados são hipóteses testadas por milhares de anos de experiência humana."



Os ditados populares continuam sendo ferramentas valiosas para educação moral e formação de caráter. "Quem planta, colhe" ensina responsabilidade pessoal de forma mais eficaz que longos discursos sobre ética.

*Os Desafios da Preservação*

A tradição oral enfrenta desafios sem precedentes na era digital. A transmissão natural de ditados entre gerações está se interrompendo à medida que famílias se dispersam e a comunicação se digitaliza. Muitos jovens crescem sem conhecer provérbios que foram fundamentais para gerações anteriores.

"Estamos perdendo um patrimônio cultural inestimável", alerta o folclorista Dr. João Mendes. "Cada ditado que se perde representa séculos de sabedoria acumulada que desaparece para sempre."

Para manter os ditados relevantes, é necessário um esforço consciente de recontextualização. "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura" pode ser aplicado a carreiras profissionais, relacionamentos ou aprendizagem, mantendo sua relevância em contextos modernos.

*Universalidade da Sabedoria*

A universalidade dos temas abordados pelos ditados se confirma quando comparamos provérbios de diferentes culturas. "Devagar se vai ao longe" encontra paralelo no chinês "Uma jornada de mil milhas começa com um único passo" e no inglês "Slow and steady wins the race".

"A similaridade dos provérbios em culturas diferentes prova que existem aspectos fundamentais da natureza humana que transcendem diferenças culturais", observa o antropólogo Dr. Paulo Mendes. "Os ditados são a expressão dessa humanidade comum."

*O Futuro dos Ditados Populares*

A era digital não representa necessariamente o fim dos ditados populares, mas sua transformação. Memes, hashtags e frases virais funcionam como versões modernas de provérbios, condensando observações sobre a

vida contemporânea em formatos memoráveis.

"Os memes são os ditados da era digital", sugere o pesquisador em comunicação Dr. Roberto Silva. "Eles cumprem a mesma função: cristalizar observações sobre a experiência humana em formatos facilmente compartilháveis."

O desafio contemporâneo é preservar a sabedoria dos ditados tradicionais enquanto se permite a emergência de novas formas de sabedoria popular. Projetos educacionais que ensinam ditados tradicionais em contextos modernos podem ajudar a manter viva essa tradição.

*Conclusão: A Permanência da Sabedoria*

Os ditados populares representam uma das formas mais democráticas e duradouras de conhecimento humano. Eles atravessaram séculos, culturas e transformações sociais porque abordam aspectos fundamentais da experiência humana que permanecem constantes apesar de todas as mudanças superficiais.

Em uma época de informação abundante mas sabedoria escassa, os ditados nos lembram que conhecimento verdadeiro não é acúmulo de dados, mas compreensão destilada pela experiência. "Quem não tem cão, caça com gato" continua relevante porque a necessidade de adaptação criativa é permanente. "Devagar se vai ao longe" ressoa porque a pressa continua sendo inimiga da perfeição.

Os ditados populares são pontes entre passado e futuro, conectando a sabedoria ancestral com os desafios contemporâneos. Eles nos lembram que somos parte de uma continuidade histórica, que as gerações anteriores enfrentaram problemas similares aos nossos e desenvolveram estratégias que ainda funcionam.

Preservar e valorizar essa tradição não é nostalgia, mas sabedoria prática. Em um mundo que muda cada vez mais rapidamente, precisamos de âncoras que nos conectem com verdades duradouras. Os ditados populares são essas âncoras: pequenos faróis de sabedoria que iluminam o caminho através das tempestades da mudança.

Os ditados populares são nossa herança mais preciosa: não ouro ou prata, mas sabedoria pura, testada pelo tempo e aprovada pela experiência. Cabe a nós preservá-la, compreendê-la e transmiti-la, para que as futuras gerações também tenham acesso a esse tesouro inestimável da sabedoria humana.

*Universalidade e Brilho*

Embora abordem temas universais (trabalho, relacionamentos, justiça), nossos ditados refletem nossa identidade multicultural única. "Quem não tem cão, caça com gato" expressa a criatividade brasileira, nossa capacidade de transformar limitação em oportunidade.

*Ciência Confirma Sabedoria Ancestral*

Impressionante como muitos ditados antecipam descobertas científicas! "Mente sã em corpo sã" precede em séculos descobertas sobre conexão mente-corpo. "Água mole em pedra dura" relaciona-se com teorias modernas sobre persistência e neuroplasticidade.

*Patrimônio em Risco*

A tradição oral enfrenta desafios na era digital. Muitos jovens crescem sem conhecer provérbios fundamentais. Cada ditado perdido representa séculos de sabedoria que desaparece para sempre.



## MÚSICA

A Importância do Silêncio na Música:  
A Arte de Ouvir o Invisível

VISÃO - O silêncio na música não é ausência, mas presença carregada de significado

POR  
The Bard News, Redação

"Como o Vazio Entre as Notas Se Torna o Elemento Mais Poderoso da Experiência Musical"



"O silêncio na música não é vazio. É a respiração da alma entre as notas, o espaço para sentir o que os sons não conseguem traduzir."



#### A Importância do Silêncio na Música: A Arte de Ouvir o Invisível

Ao pensar em música, é natural que nos concentremos nos sons: as notas que dançam em partituras, as melodias que desabrocham nos instrumentos e as letras que ecoam em vozes. E, no entanto, o silêncio, esse intervalo imaterial entre os sons, exerce um papel tão essencial quanto as notas tocadas. Na música, o silêncio não é uma ausência, mas uma presença carregada de significado. Ele amplifica emoções, cria tensão, provoca reflexões e, por vezes, se torna o ponto mais alto de uma composição. É o momento em que o ouvinte respira com a música e sente o que as palavras ou notas, sozinhas, não poderiam expressar.



Se o som é a ação, o silêncio é o respiro entre os movimentos. Ele não apenas dá vida à música, mas a faz vibrar em um nível profundo, quase espiritual. O filósofo Friedrich Nietzsche, um grande admirador da música, certa vez afirmou que "o essencial da melodia é aquilo que não se ouve". Esse "não se ouve" perfeitamente representado pelo silêncio, é uma das ferramentas mais poderosas nas mãos de compositores e intérpretes.

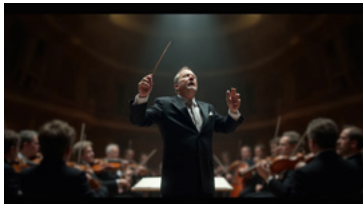
#### O Silêncio na Música Clássica: O Intervalo Como Elemento Narrativo

Na música clássica, o silêncio é utilizado de forma estratégica para criar impacto emocional e estruturar a narrativa musical. Ele pode ser tão poderoso quanto um acorde majestoso ou um clímax orquestral. Em muitas composições clássicas, o silêncio não é apenas um intervalo entre notas: ele ganha densidade, forma e função.

Ludwig van Beethoven, talvez mais conhecido por sua intensidade sonora, foi um mestre na manipulação do silêncio como parte integral de suas composições. Um exemplo claro disso está na sua Sinfonia nº 5 em Dó menor, onde o uso de pausas imediatas entre os quatro primeiros sons icônicos "ta-ta-ta-taaan" cria tensão e expectativa. Esses silenciosos respiros entre as notas desafiam o ouvinte a interpretar o que está por vir, como se a pausa trouxesse perguntas que só o restante da música responde.

Outro exemplo magistral do uso do silêncio é encontrado em Mozart, cujas cadências

perfeitamente calculadas em obras como o Réquiem trazem instantes de pausa que ampliam a transcendência de suas melodias. Nos momentos de silêncio, Mozart obriga o ouvinte a sentir o peso do que acabou de ser tocado, aumentando a intensidade emocional que segue.



Mas o verdadeiro símbolo do silêncio na música clássica é John Cage, conhecido por sua obra icônica "4'33"". Nesta peça revolucionária, não há uma única nota tocada pelo músico nos quatro minutos e trinta e três segundos. Cage desafia o conceito de música ao sugerir que o próprio silêncio ou os sons incidentais ao redor do público, é parte da experiência. Nesta obra, cada ruído ambiente, desde uma tosse à queda de uma caneta no chão, transforma-se em música, forçando o ouvinte a reavaliar o papel do silêncio e do som em sua percepção musical.

#### O Silêncio na Música Moderna: Tensão e Liberdade

Embora o silêncio já fosse matéria-prima nas mãos dos compositores clássicos, a música moderna trouxe para ele um novo terreno de experimentação. Gêneros como jazz, rock, pop e música eletrônica reinventaram a utilização do silêncio, expandindo seu potencial como ferramenta estética e emocional.

No jazz, o silêncio é especialmente significativo. Ele emerge como espaço para improvisação e pausa reflexiva. Miles Davis, um dos maiores ícones do gênero, dizia que "a música é o espaço entre as notas". Em discos como Kind of Blue (1959), as pausas de Davis entre seus solos de trompete tornam o silêncio tão expressivo quanto as notas tocadas. Esses vazios criam um ar de suspensão, permitindo que o ouvinte respire junto à música, absorvendo cada nuance emocional.



Outro exemplo contemporâneo e marcante é encontrado na música de Radiohead. O álbum Kid A (2000) explora o silêncio como

ferramenta de construção atmosférica. Na faixa "How to Disappear Completely", os momentos de quietude e introspecção são tão cruciais que quase parecem transformar o silêncio em um personagem. É nesses momentos que o ouvinte se perde ou se encontra em paisagens sonoras introspectivas.

Na música eletrônica, o silêncio também ganhou destaque. Gêneros como minimal techno ou ambient music, popularizados por artistas como Brian Eno, se estruturam em torno da ideia de espaço vazio. Essas pausas permitem que o ouvinte mergulhe no ambiente criado, reinterpretando o equilíbrio entre som e silêncio como um espetáculo meditativo e envolvente.

#### O Papel Emocional do Silêncio: A Sublime Transcendência

Se o som nos provoca ação, o silêncio nos convida à reflexão. É nesse vazio aparente que o ouvinte encontra significado. Em filmes, por exemplo, trilha sonora utilizam o silêncio para maximizar o impacto emocional: imagine uma cena tensa que segue após uma explosão... o silêncio repentino intensifica o drama de forma que apenas o som, por si só, não seria capaz.

Na música popular, canções como "The Sound of Silence", de Simon & Garfunkel, elevam a própria ausência de som a protagonista lírico e temático. A música não apenas explora a ausência literal de barulho, mas também lida com um sentido maior de desconexão e alienação emocional em um mundo de ruído constante. Os silêncios da melodia, aqui, evocam tanto angústia quanto ternura, marcando o contraste entre solidão e beleza.



Outro exemplo emblemático é "Hurt", música composta originalmente por Nine Inch Nails, mas que ganhou nova profundidade com a interpretação de Johnny Cash. Na versão de Cash, o silêncio entre os versos cresce quase como uma sombra, carregando o peso emocional das palavras não ditas, o que reforça o impacto da vulnerabilidade na música.

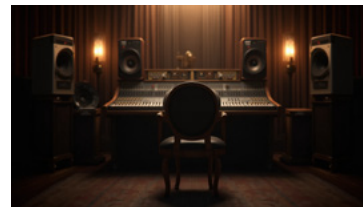
O silêncio não é apenas a ausência do som; ele é a presença de um espaço. Um intervalo onde emoções verdadeiras se desenrolam, onde o músico projeta no ouvinte sentimentos que desafiam explicações racionais. É um espaço onde a música transcende a estética e penetra nossa própria humanidade.

#### O Silêncio Como Espaço Individual: A Experiência do Ouvinte

O silêncio não é apenas uma estratégia dos compositores ou intérpretes. Ele também é um convite pessoal ao ouvinte. No vazio deixado pelo silêncio, cada indivíduo projeta suas próprias memórias, ansiedades, esperanças e reflexões. É nesse espaço que a música deixa de ser um produto externo e se torna uma experiência íntima.

"Quando uma música pausa, eu respiro junto", explicou certa vez a pianista Maria João Pires, refletindo sobre sua relação com os momentos de silêncio enquanto toca. "Esses instantes silenciosos não são vazios. São preenchidos pela energia da música e pelas possibilidades que ela desperta em cada ouvinte."

No contexto contemporâneo, onde somos bombardeados por sons e informações constantes, o silêncio na música pode funcionar como um lembrete poderoso da importância do vazio. Assim como na meditação, onde as pausas entre as respirações conectam o praticante ao presente, o silêncio na música reconecta o ouvinte ao instante à transcendência do aqui e agora em sua forma mais pura.



#### O Poder Filosófico do Silêncio na Música

Mais do que um recurso técnico ou estético, o silêncio na música convida-nos a questionar o significado de som, espaço e tempo. Ele desafia nossa noção de completude e nos ensina que às vezes não é o que é dito ou tocado que importa, mas o que é deixado no meio.

A música, com seu uso brilhante do silêncio, funciona como uma ponte para a transcendência. Cada pausa amplifica o impacto do som anterior e prepara o terreno para o que está por vir. É uma dança de energia que vibra no silêncio e no som, criando uma experiência única.

Como na poesia, onde os silêncios entre os versos criam ritmos internos próprios, a música abraça o silêncio como parte integral de sua estrutura. O que nos resta então, é aprender a ouvir o não dito, a preencher as pausas com nosso próprio sentido, e a perceber que o mais poderoso som, muitas vezes, é aquele que não ressoa, mas que nos atravessa profundamente.





# HISTÓRIA

## Ching Shih: A Rainha Dos Mares Que Desafiou Impérios e Saiu Vitoriosa

De prostituta de bordel flutuante a comandante da maior frota pirata da história

**HISTÓRIAS FASCINANTES**  
- Leia o artigo completo no Site

POR  
The Bard News, Redação

### A História Épica da Mulher que Comandou 80.000 Piratas e Venceu Onde Todos os Outros Falharam

Imagine uma jovem mulher nascida em circunstâncias humildes, que começou a vida como trabalhadora de um bordel flutuante em Cantão, na China, e terminou como a líder da maior e mais organizada frota pirata da história. Não, esta não é a premissa de um filme de ficção, mas a história real, fascinante e pouco conhecida de Ching Shih, ou Zheng Yi Sao, uma pirata que comandou o Mar da China Meridional e desafiou impérios inteiros no início do século XIX.



Enquanto os nomes de Barba Negra e outros piratas masculinos ecoam incessantemente em livros, filmes e histórias populares, Ching Shih superou todos eles em poder, sucesso e estratégia. Ela não apenas sobrevivia saqueando navios — ela comandava um verdadeiro império marítimo, desafiava os governantes mais poderosos da época e moldava suas próprias regras. Este é o relato de como a "Rainha dos Mares" mudou o jogo da pirataria e terminou a vida de uma forma que nenhum outro grande pirata conseguiu: rica, livre e cercada pelo respeito de todos.

#### Uma Humilde Origem e a Ascensão ao Poder

Ching Shih nasceu por volta de 1775 na província de Cantão, na China, em um tempo em que as possibilidades para mulheres pobres

eram estreitas. Seu nome verdadeiro se perdeu na história. Ainda jovem, ela trabalhou em um bordel flutuante, uma embarcação usada como casa de prostituição sobre as águas. Aliás, é possível que sua mente estratégica tenha começado a se afiar nesse ambiente desafiador e competitivo, onde ela aprendeu a ler as intenções das pessoas e negociar em meio à adversidade.

Sua vida deu uma guinada extraordinária em 1801, quando ela se casou com Zheng Yi, o comandante de uma frota pirata considerável. Diferentemente dos papéis passivos geralmente reservados às mulheres da época, Ching Shih não aceitou ficar à sombra do marido. Juntos, o casal unificou várias facções piratas rivais, erguendo o que se tornaria a temida Frota da Bandeira Vermelha. Quando Zheng Yi morreu em 1807, muitos esperavam que sua viúva fosse afastada do comando, mas Ching Shih surpreendeu a todos.



Com inteligência e habilidade política notáveis, ela consolidou rapidamente o controle sobre a frota. Para isso, formou uma aliança estratégica — e amorosa — com o jovem Cheung Po Tsai, filho adotivo de seu falecido marido e líder em ascensão. De forma calculada, Ching Shih ajustou as peças do tabuleiro para garantir que a liderança formal de Cheung Po fosse aceita, enquanto ela, nos bastidores, exercia todo o comando estratégico.

#### Um Império Inigualável no Mar

O que Ching Shih construiu foi uma verdadeira nação pirata e uma das maiores frotas navais que já navegou. Em seu auge, sua frota contava com mais de 1.800 navios e cerca de 80.000 piratas, incluindo homens, mulheres e até crianças. Nenhum outro líder pirata na história chegou perto desse tamanho. Para comparação, a poderosa Marinha Espanhola no auge imperial tinha um número muito menor de navios.

Esse vasto império marítimo não era apenas uma confederação de saqueadores, mas um regime altamente organizado. Ching Shih implementou um código de leis estrito que

governava todos os aspectos de sua frota, impondo disciplina e eficiência sem precedentes na pirataria. Algumas de suas regras mostram o quão rígido, mas funcional, era esse sistema:



- Qualquer pirata que desobedecesse ordens ou agisse por conta própria era imediatamente executado.
- O saque capturado era dividido igualmente: 20% para o pirata captor e o restante para o fundo comum da frota.
- Roubar de outros membros da frota ou dos aldeões protegidos resultava em punições severas, incluindo a morte.
- Prisioneiras consideradas bonitas só podiam ser tomadas como esposas ou concubinas caso houvesse consentimento e compromisso de fidelidade; estupro era punido com a morte.

Essas diretrizes não apenas otimizaram a operação de sua frota, mas também cimentaram a lealdade entre seus seguidores. Sob o comando de Ching Shih, a Frota da Bandeira Vermelha tornou-se uma força naval invencível, cobrando taxas de vilas costeiras e navios mercantes em troca de "proteção". Aqueles que não cooperavam eram aniquilados.

#### Invincível em Batalha

Os feitos militares de Ching Shih são lendários. Ela derrotou repetidamente a Dinastia Qing, então governante da China, cujas frotas navais tentaram, sem sucesso, destruir a Frota da Bandeira Vermelha. Tropas britânicas e portuguesas, também enviadas para enfrentá-la, fracassaram miseravelmente.

Sua capacidade de estratégia era incomparável. Ela usava o conhecimento detalhado das águas do Mar da China Meridional como vantagem, emboscando navios inimigos e frustrando suas frotas naquelas águas turbulentas. Quando enfrentava batalhas maiores, mobilizava suas centenas de navios com precisão cirúrgica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/10/2025"

Enquanto muitos piratas eram movidos por impulso e caos, Ching Shih era metódica. Ela via cada batalha não apenas como um ataque, mas como uma oportunidade de fortalecer ainda mais seu controle sobre o território marítimo. Seu foco na eficiência e disciplina fazia sua frota operar de forma quase militar e garante que sua liderança fosse respeitada até mesmo por seus inimigos.



#### Aposentadoria Sem Precedentes

Após anos de domínio absoluto sobre o Mar da China Meridional, as lideranças da Dinastia Qing compreenderam que não podiam derrotar Ching Shih militarmente. Em 1810, eles tomaram uma decisão arriscada: oferecer-lhe anistia. Mas, ao invés de aceitar passivamente os termos do governo, Ching Shih navegou até Cantão com toda a sua frota para negociar pessoalmente. E, como era de se esperar, venceu novamente.

Ela conseguiu o inacreditável. Todos os seus piratas receberam perdão por suas ações, o direito de manter o saque acumulado e, ainda, garantiu um cargo oficial para Cheung Po Tsai na

burocracia do governo chinês. Após anos de batalhas e domínio dos mares, aposentou-se rica e livre, uma façanha que nenhum outro grande pirata conseguiu.

Ching Shih passou o restante de sua vida em Cantão, administrando um negócio de jogos e, possivelmente, um bordel. Viveu tranquilamente até sua morte em 1844, aos 69 anos, quando morreu de causas naturais.

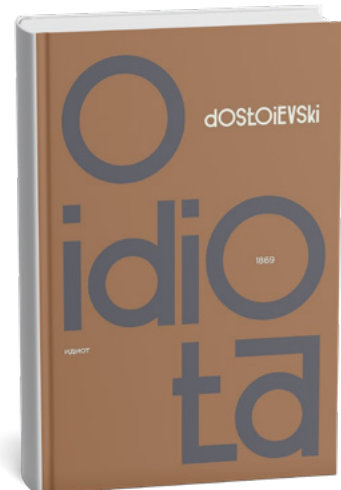
#### O Legado de Ching Shih

Ching Shih não apenas quebrou recordes históricos, mas também desafiou as expectativas da época sobre o papel da mulher na sociedade e no poder. Em um meio dominado por homens e violência, ela transformou uma frota pirata em um império organizado e acabou triunfando sobre governos e potências coloniais. De origem humilde, ela trilhou o caminho de ascensão para se tornar uma das figuras mais extraordinárias da história.

Sua história permanece um exemplo fascinante de como inteligência, estratégia e determinação podem reescrever o curso de uma vida e até mesmo de uma era. Ching Shih não navegava apenas pelos mares; ela navegava pelas complexidades do poder, deixando um legado tão vasto e indomável quanto os oceanos que controlava.

Ela não foi apenas uma pirata. Ela foi uma rainha dos mares, e sua história ecoa como uma das mais impressionantes epopeias humanas de todos os tempos.

## "O idiota de Fiódor Dostoiévski"

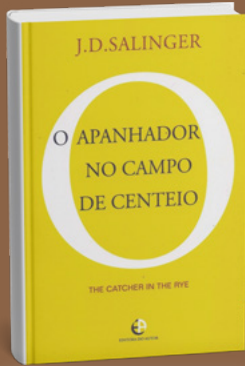


O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

### RESENHA LITERÁRIA

#### O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.



# EDUCAÇÃO

## Sequestro da Mente: Como a Batalha Cultural Redefine Escolas e o Futuro dos Nossos Filhos

**EDUCAÇÃO** - A estratégia silenciosa: da queda do Muro à conquista das salas de aula

**VISÃO** Após a queda do Muro de Berlim, a batalha ideológica migrou das trincheiras para as salas de aula

POR  
The Bard News, Redação

“Através da estratégia gramsciana de hegemonia cultural, escolas e universidades tornaram-se campos de disputa onde a formação de mentes jovens substitui o confronto direto, exigindo vigilância familiar e fortalecimento do pensamento crítico como antídoto à doutrinação.

educadores como Paulo Freire. Sua pedagogia, que propõe a conscientização dos alunos, se tornou um pilar em muitas formações docentes. Enquanto seus defensores veem nele um libertador do pensamento, seus críticos alertam para o risco de transformar a sala de aula em um palanque ideológico. Nesse cenário, o professor, em vez de ser um transmissor de conhecimento plural e desafiador, pode se tornar um "intelectual orgânico", um agente de transformação revolucionária, como defendia Gramsci. O resultado é uma educação que, em vez de equipar o aluno com ferramentas para pensar, pode induzi-lo a repetir slogans e a abraçar narrativas pré-fabricadas.



Não é difícil perceber os reflexos dessa estratégia. Nossas universidades, outrora templos do saber e do debate livre, muitas vezes parecem transformadas em currais ideológicos, onde a diversidade de pensamento é substituída pela uniformidade de um ativismo. Jovens, cheios de energia, mas por vezes carentes de sólida base intelectual e moral, encontram um discurso pronto para criticar o mundo, mas pouca capacidade de construir soluções complexas. A educação que deveria ensinar a pensar de forma independente, frequentemente parece ensinar a repetir, a seguir modismos e a rejeitar sua própria cultura em nome de uma militância importada e descolada da realidade.

O antídoto: família, liberdade e o poder do pensamento crítico



A resposta a essa infiltração cultural não está em mimetizar as táticas do adversário, mas em fortalecer os pilares que protegem a sociedade de qualquer forma de doutrinação. O primeiro e mais fundamental pilar é a família. São os pais que, ao acompanhar a educação dos filhos, perguntar o que foi ensinado, folhear os livros e estimular o debate honesto, lançam luz onde muitos preferem a penumbra. Não se trata de censura, mas de responsabilidade. O estudante tem o direito de ser exposto a um vasto repertório de ideias e autores, desde os clássicos da literatura e filosofia até as diferentes correntes de pensamento econômico e social.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/10/2025”

Uma cultura geral ampla é a mais potente vacina contra projetos que dependem de versões únicas e simplificadas da realidade.

Em seguida, o papel da escola e da universidade precisa ser resgatado. Elas devem ser espaços de excelência acadêmica, que valorizem o mérito, o método científico e a pluralidade de ideias. Professores devem ser valorizados por sua capacidade de ensinar a pensar, de instigar a dúvida informada e de preparar os alunos para analisar criticamente o mundo, e não para aderir a dogmas. Isso exige transparência curricular, avaliações independentes e a coragem de expor os alunos a diferentes perspectivas, permitindo-lhes formar suas próprias convicções com base em um pensamento bem fundamentado.

Por fim, e de forma crucial na era digital, é preciso desenvolver um forte senso crítico e de alfabetização midiática. As plataformas digitais, com seus algoritmos que privilegiam o

engajamento e a polarização, tornam os jovens ainda mais vulneráveis. Ensinar a verificar fontes, a identificar vieses, a distinguir fatos de opiniões e a resistir à tentação de aderir a discursos que demonizam adversários é essencial. A liberdade não é um dom passivo; é uma conquista que exige constante vigilância e a defesa de instituições que garantam o debate aberto e respeitoso.

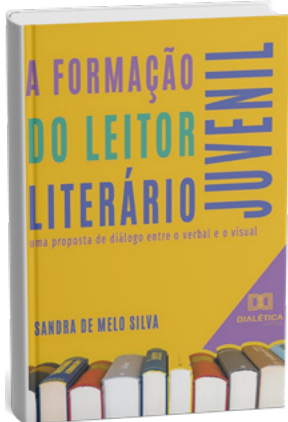


O risco de negligenciar essa batalha é real. Uma sociedade cujas mentes foram moldadas por narrativas unilaterais e simplificadoras acaba

por perder sua capacidade de discernimento e de autodefesa. Isso não é uma chamada para a histeria, mas um alerta para a prudência. É um convite para o compromisso ativo com a educação que forma indivíduos livres e pensantes, capazes de resistir a qualquer projeto totalizante que, na prática, rebaixe o ser humano a uma mera engrenagem. A escola deve servir ao aluno, não ao partido. O professor deve servir ao conhecimento, não à palavra de ordem. A cultura deve servir à vida, não à engenharia social. A paz duradoura nasce não do silêncio imposto, mas da riqueza do debate honesto e da solidez de mentes bem formadas, capazes de discernir e de escolher por si mesmas.



### Indicação de leitura



## "A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

### Indicação de leitura



## "Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que e ser adolescente hoje, definir o que e um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.



# EDUCAÇÃO

## O Valor das Atividades Extracurriculares: Desenvolvimento Além das Notas

EDUCAÇÃO - Construindo conhecimento amplo através de experiências transformadoras fora da sala de aula



Por Stella Gaspar  
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella\_maria\_gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/10/2025"

O conhecimento adquirido por meio de atividades além da sala de aula pode construir conhecimento amplo, não se limitando a atividades, trabalhos pedagógicos formais, fechados em um conteúdo curricular tradicional.

As atividades extracurriculares podem desenvolver novas tendências para esse século, direcionadas ao desenvolvimento de um cérebro criativo, autor, inventivo, intuitivo, autopoietico e adaptável. São aspectos que dão condições à interdisciplinaridade, desenvolvendo caminhos para uma educação mais efetiva na transformação humana.



Então, quando os aprendentes são estimulados, vivenciando suas aprendizagens segundo suas diferenças individuais, interesses e curiosidades, sentimentos, ocorrerá a estimulação cognitiva e emocional. Os conhecimentos são construídos por meio da ação e interação com o meio físico, social e emocional. É justamente neste ponto que o professor pode agregar atividades de oficinas culturais e artísticas (teatro, música, dança, pintura, escultura, fotografia e literatura) esportivas, científicas, sociais, tecnológicas, excursões e visitas pedagógicas, entre outras que visem desenvolver o espírito de cooperação e a autoconfiança. São atividades que possibilitam a compreensão de mundo, da vida

contemporânea, contribuindo para as múltiplas dimensões humanas.

*O conhecimento está naturalmente ligado à vida, fazendo parte da existência humana. A ação de conhecer está presente simultaneamente nas ações biológicas, cerebrais, espirituais, culturais, linguísticas, sociais, políticas e históricas, por isto; o ser condiciona o conhecer, que ao mesmo condiciona o ser. (PETRAGLIA, 1995, p.71).*



Para a aprendizagem ocorrer de maneira favorável depende da dinâmica de estratégias metodológicas, de projetos e propostas sugestivas, dinamizando o processo educativo, despertando o desejo de aprender e a curiosidade em aprender coisas novas, com estimulações inovadoras; como as atividades extraclasse citadas, com atuações livres no mundo real, aprender com grandes novidades, **aprender sempre!** "... O milagre do cérebro é que ele foi construído para uma aprendizagem contínua." (SPRENGER, 1999).

Um novo olhar: tecendo reflexões.

Aprendizagem e avaliação andam de mãos juntas, para promover o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Denominada de formativa, em oposição à avaliação tradicional, que visa à aprovação e à reprovação, à atribuição de notas, que se vale quase sempre da prova. A prova é um instrumento que pode ser útil quando seus resultados são associados aos de outros procedimentos. A avaliação formativa focaliza os aspectos do pensar, contribuindo para o despertar na formação da consciência e da compreensão. O aluno é agente do seu próprio pensar, ou seja, desenvolvendo a sua autoavaliação, favorecendo a autonomia.

Assim...

O que é realmente significativo no ensino? O que é relevante na aprendizagem do aprendente? Certamente, podemos questionar o currículo engessado, sem articulação ao contexto da realidade... E para que serve tudo isto, afinal?

### A Revolução Silenciosa Que Acontece Fora da Sala de Aula

Stella Gaspar acertou em cheio: atividades extracurriculares não são "extras", são essenciais! Elas constroem conhecimento amplo que vai muito além do conteúdo curricular tradicional e desenvolvem exatamente o que o século XXI exige de nós.

### O Poder da Diversidade de Experiências

Quando estudantes vivenciam aprendizagens segundo suas diferenças individuais, interesses e curiosidades, acontece estimulação cognitiva e emocional profunda. Teatro desperta criatividade, música desenvolve disciplina, esportes ensinam trabalho em equipe, ciências aguçam curiosidade... Cada atividade constrói uma peça do quebra-cabeças humano!

### Cérebros Feitos Para Aprender Sempre

"O milagre do cérebro é que ele foi construído para uma aprendizagem contínua" (Sprenger). Oficinas culturais, excursões, projetos científicos... Tudo isso desenvolve cooperação, autoconfiança e compreensão do mundo contemporâneo de forma que nenhuma aula expositiva consegue.

## Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

### Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI



# FILOSOFIA

## Entre o Caos e a Virtude: Como o Pensamento Estoico Continua Atual



Por Magna Aspásia  
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),  
@fontenellemagna

A filosofia milenar que oferece serenidade em tempos de incerteza



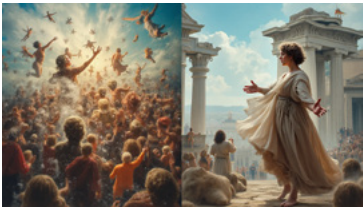
Hoje, vivendo em um mundo cheio de incertezas, ansiedade e tantas distrações, o estoicismo, uma filosofia que surgiu na Grécia antiga, surge como um guia silencioso para quem busca encontrar sentido em meio ao caos. Muito mais do que uma ideia antiga, ele se mostra extremamente relevante nos dias de hoje, propondo uma forma de viver baseada na força interior, não nas conquistas externas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/10/2025"

O estoicismo ensina, principalmente, a distinguir o que está ao nosso alcance daquilo que foge ao nosso controle. Essa lição simples, presente nos escritos de Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio, é uma verdadeira arma contra a frustração que sentimos na vida moderna. Como dizia Epicteto: "Algumas coisas estão sob nosso controle, outras não." Enquanto grande parte da sociedade tenta controlar o incontrolável, opiniões alheias, acontecimentos globais, a instabilidade econômica, o estoico volta seu olhar para dentro. Para cultivar o autocontrole, agir com clareza moral e praticar as virtudes.

**Epicteto:**  
"Algumas coisas estão sob nosso controle, outras não."



Para o estoicismo, virtude não é algo abstrato ou moralista. É a realização plena da nossa natureza racional e ética. Significa agir com coragem, justiça, moderação e sabedoria, mesmo quando tudo ao nosso redor parece desmoronar. E não por vaidade ou para impressionar os outros, mas por fidelidade ao próprio caráter. Como aconselhava Epicteto: "Não procure que os acontecimentos ocorram como deseja, mas deseje que eles ocorram como realmente acontecem; assim, você viverá em paz."

Essa filosofia se torna ainda mais importante num mundo onde as emoções parecem estar fora de controle, discursos inflamados se tornam comuns e a busca por sentido é urgente. O estoico moderno não é alguém indiferente

ao sofrimento; ele aprende a enfrentá-lo com serenidade e clareza. Ele entende que não podemos mudar tudo ao nosso redor, como um rio que corre, mas podemos aprender a nadar sem nos afogar. Marco Aurélio, em suas Meditações, lembra: "Se você está aflito por algo externo, a dor não vem do próprio evento, mas da sua avaliação sobre ele, e isso você tem poder para mudar a qualquer momento."



O pensamento estoico também dialoga com práticas atuais como mindfulness, psicologia cognitivo-comportamental e inteligência emocional. Não é à toa que líderes, atletas, terapeutas e profissionais de diversas áreas têm redescoberto nas máximas estoicas uma fonte de orientação para tomar decisões éticas, manter

o foco e equilibrar as emoções. Marco Aurélio já dizia: "A felicidade da sua vida depende da qualidade dos seus pensamentos" uma ideia que hoje funciona como uma chave para sobreviver mentalmente num mundo de distrações constantes e pressões intensas.

Entre o caos lá fora e a tranquilidade possível dentro de nós, o estoicismo nos lembra que a vida não precisa ser totalmente controlada para ter significado. A força dessa filosofia milenar está justamente na sua capacidade de ensinar a viver bem mesmo quando tudo parece difícil.

Por isso, voltar aos ensinamentos de Sêneca, Epicteto ou Marco Aurélio não é apenas nostalgia intelectual; é uma escolha consciente por uma vida guiada pela razão, coragem e integridade. Como Sêneca recomendava: "Enquanto vivermos, enquanto for possível, sejamos úteis." Em tempos tão barulhentos, ser estoico pode ser a atitude mais revolucionária, e mais humana, de todas.

**VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?**

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

**QUER SABER COMO FUNCIONA?**

**81 99590.9237**

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100



## FILOSOFIA

Espiritualidade e Modernidade:  
Um Diálogo Necessário

Por Clayton Zocarato  
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceular - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

@clayton.zocarato

## FILOSOFIA

"A busca pelo sagrado em tempos de modernidade líquida e transformação digital"

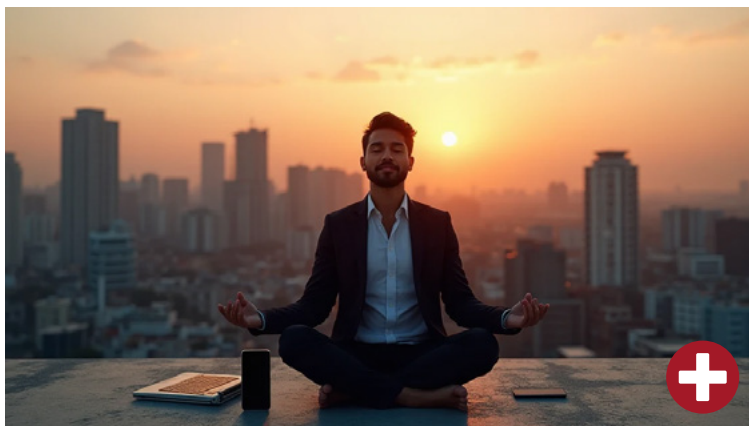


IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"

A espiritualidade, muitas vezes associada à tradição e ao sagrado, parece à primeira vista destoar do ritmo acelerado e racional da modernidade. Contudo, o mundo contemporâneo tem demonstrado uma crescente busca por sentidos existenciais que transcendem a lógica materialista.

Como afirma Zygmunt Bauman (2001), vivemos em uma "modernidade líquida", onde as certezas são dissolvidas e as relações são efêmeras. Nesse contexto, a espiritualidade ressurge como uma resposta à instabilidade e ao vazio existencial.

A espiritualidade moderna não se restringe mais às instituições religiosas tradicionais.

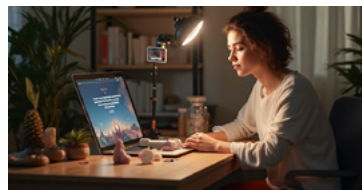
Conforme aponta o sociólogo Anthony Giddens (1991), a modernidade promove uma reflexividade contínua do eu, o que leva o indivíduo a buscar, por conta própria, novos caminhos espirituais. Observa-se, por exemplo, o crescimento de práticas como meditação, yoga, terapias integrativas e filosofias orientais, que encontram eco em um público urbano, conectado e, muitas vezes, sobrecarregado emocionalmente.



A filósofa Viviane Mosé destaca que a espiritualidade hoje se torna uma forma de resistência ao individualismo radical e ao consumo desenfreado, propondo uma reconexão com o outro, com a natureza e com o próprio interior. Em meio às crises climáticas, sociais e psíquicas que marcam nossa era, essa dimensão espiritual, não necessariamente religiosa, emerge como forma de cura coletiva.



O fenômeno da espiritualidade na modernidade também se revela nas redes sociais, onde milhões de pessoas compartilham reflexões, rituais, e experiências espirituais, ainda que de maneira fragmentada. Essa apropriação digital do sagrado pode ser vista tanto como esvaziamento quanto como democratização do acesso ao transcendente, exigindo, portanto, um olhar crítico.



Em um mundo em constante transformação, ela se apresenta não apenas como prática pessoal, mas como uma necessidade humana profunda de pertencimento, sentido e reconexão com a vida em sua totalidade.



Os tempos são líquidos porque, assim como a água, tudo muda muito rapidamente. Na sociedade contemporânea, nada é feito para durar.

Zygmunt Bauman

## Meritocracia: Uma Virtude em Xequê no Debate Filosófico Moderno



Por Drika Gomes  
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filosofia, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes\_psique

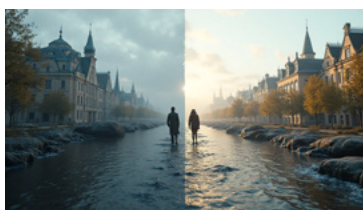
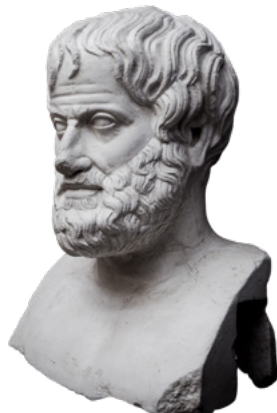
## FILOSOFIA

"A tensão contemporânea entre esforço individual e justiça social na construção de sociedades prósperas"



Nos tempos atuais, a meritocracia tem sido colocada contra a parede. Correntes igualitárias afirmam que ela mascara privilégios e mantém desigualdades, como se fosse apenas um discurso para legitimar

injustiças sociais. De fato, há limites claros: não podemos ignorar que nascer em contextos diferentes impacta diretamente as oportunidades de cada indivíduo. No entanto, negar o mérito como valor essencial seria esvaziar uma das forças mais transformadoras da condição humana.



Na prática, o mérito é o combustível da aprendizagem e da transformação. A neurociência demonstra isso: quando enfrentamos desafios, forjamos novas conexões cerebrais pela neuroplasticidade. Cada esforço, cada repetição, cada tentativa faz o cérebro se adaptar, tornando o indivíduo mais capaz. É justamente nesse ponto que a meritocracia mostra seu valor: ela é menos sobre o ponto de partida e mais sobre a capacidade de se reinventar no caminho.

Claro, o mérito não deve ser visto como solução única para desigualdades. Políticas públicas que ampliem oportunidades são necessárias. Mas é o mérito, o esforço individual

que se soma às condições coletivas, que gera o espírito do herói. Sem ele, a jornada perde seu sentido e o indivíduo se torna refém do destino. Com ele, abre-se a possibilidade da verdadeira transformação: pessoal e social.



Portanto, defender a meritocracia não é negar injustiças estruturais, mas reconhecer que sem ela não há avanço humano. É pelo mérito que a chama da coragem acende, que os desafios se tornam degraus e que cada ser humano pode escrever sua própria epopeia. No fundo, a meritocracia continua sendo um chamado à grandeza: não apenas conquistar para si, mas retornar transformado para oferecer algo maior ao mundo.

Análise filosófica contemporânea que defende a meritocracia como força transformadora essencial, argumentando que o equilíbrio entre reconhecimento do mérito individual e políticas de justiça social é fundamental para o progresso humano e prosperidade coletiva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/10/2025"



# COMPORTAMENTO

## O Efeito da Natureza: Como o Contato com o Verde Transforma Corpo e Mente



Por Stella Gaspar  
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha  
@stella\_maria\_gaspar

A ciência e a poesia do bem-estar através da conexão com o mundo natural



A natureza, em sua complexidade e beleza, influencia nos aspectos mental, físico e emocional. O ser humano, como parte integrante desse ambiente dinâmico, sente um bem-estar tanto no corpo quanto na mente, influenciados por fatores internos e externos, fundamental para promover a saúde, o autoconhecimento e uma convivência

harmônica com o mundo. O verde das folhas, das árvores sempre à nossa volta, intervém em muito do que fazemos, relaxa, nos fortalece e deixa mais fluente a nossa imaginação e aprendizados. A prática de atividades físicas em proximidade à natureza reduz os níveis de cortisol, regula a frequência cardíaca e diminui a pressão arterial, indicadores fisiológicos do estresse.



É impressionante como cada um de nós pode olhar a natureza e descrevê-la de modo completamente diferente, e de repente, tornar os dias mais belos e melhores somente com a nossa presença, podendo trazer um profundo sentimento de paz e completude, como se fossemos feitos da mesma matéria das flores.



Dia a dia, podemos ver o mundo natural em um processo mágico, emocional, florescendo em nossas vidas. Cada processo é marcado por ciclos: o fluir das estações, o crescimento das plantas, a metamorfose das borboletas. Muito similar à natureza, as mudanças nos inspiram e nos levam a comportamentos de observações, nos deixando fascinados e encantados, perplexos. São infinitas as possibilidades de compreendermos a plasticidade da natureza, como sendo também, um dos principais poderes de transformação de vidas. Então, precisamos vivenciar processos de transformação, como as árvores que perdem suas folhas no outono para florescer na primavera, passamos por mudanças fisiológicas, emocionais e cognitivas, essenciais para a nossa percepção e adaptação ao meio, com nossas experiências de vida e relações interpessoais.

Um poema de Manuel de Barros.

*Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.  
Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.  
Eu só queria significar.  
Porque significar limita a imaginação.  
E com pouca imaginação, eu não poderia fazer parte de uma árvore.  
Como os pássaros fazem.  
Então, a razão me falou: o homem não pode fazer parte do orvalho.  
Como as pedras fazem.  
Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.  
E isso era mesmo.*

A natureza é uma grande mestra das transformações. Ao observar e compreender seus ciclos, podemos aprender a lidar melhor com as mudanças em nosso corpo e mente. Nada permanece estático: cada experiência, cada fase, cada desafio é uma oportunidade de crescimento, de desabrochar no jardim da própria vida.

Estar em contato com o verde, com a natureza afeta nossa energia, nosso apetite, nosso sono, tudo com um efeito profundo em nosso humor. Desse modo, ter a percepção de si, como um ser integrado ao todo e a tudo, envolve pessoas falantes-ouvintes, situados cultural e socialmente.

Portanto, o efeito da natureza em nós pode despertar um sorriso alegre, uma reflexão, pode causar tranquilidade. Permita-se com a natureza e sua exuberância verde sentir, no seu ritmo, seus efeitos positivos, com suas emoções em equilíbrio, ficando mais saudável e feliz!

Nem todos os caminhos são igualmente válidos. Os que não oferecem jardins não valem a pena, ainda que sejam mais curtos. É melhor caminhar um pouco mais e encher os olhos de flores do que pegar atalhos por terrenos baldios. (Lucas Lujan)



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/10/2025"

## A Arte da Conversação: Por Que a Comunicação Face a Face Ainda é a Melhor Conexão



Por Jeane Tertuliano  
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano



Sabe aquele olhar que nenhuma tela consegue passar? Aquela coisa quase invisível no jeito da pessoa, que só quem está junto percebe! A conversa é isso: um encontro de presenças, um ouvir que não é só do ouvido, mas do corpo todo.

Conversar vai muito além de responder. É

estar. Oferecer tempo, atenção, um pouco de calor humano! É colocar o mundo no silêncio por uns minutos e dizer, sem palavras, que você está ali, de verdade.

Quando a gente fala olhando no olho, tem uma verdade que áudios rápidos e emojis nunca vão alcançar. A palavra dita devagar, com cuidado, tem uma delicadeza que o mundo digital ainda não entende. Talvez nem entenda nunca.

É claro que as redes aproximam quem está longe. Mas às vezes, afastam quem está perto. A

pressa das mensagens, o tom que falta, a urgência de responder fazem a gente esquecer que por trás de cada palavra tem alguém que sente, que respira, que quer ser ouvido de verdade!

A conversa cara a cara tem muitas camadas. Tem gestos que falam mais que mil palavras, pausas que abraçam, aquele silêncio que, mesmo calado, conforta. Tem o riso que surge sem querer e a lágrima que aparece sem avisar.

Quando a conversa é boa, ela cura. Ela traz de volta o que parecia perdido. Acalma. Liga a gente de novo com a humanidade que anda

meio enterrada nessa correria. Quando alguém escuta com o olhar inteiro, a gente para de estar sozinho. A gente se sente visto!

Por isso que conversar ainda é um dos jeitos mais puros de cuidar. Sentar pra ouvir sem cortar o outro. Perguntar com interesse de verdade. Estar inteiro, sem distração. Isso é raro. E por isso é tão valioso!

Não é sobre rejeitar a tecnologia. Ela salva em muitas distâncias. Mas é lembrar que a conexão verdadeira ainda vive na presença, no corpo que se aproxima, no olhar que brilha, na

voz que acalma.

Que a gente não esqueça disso! Que a gente escolha sentar junto, olhar nos olhos, deixar o tempo passar devagar enquanto as palavras se encontram entre dois corações. Porque o que fica guardado não é o que foi dito, mas o que foi sentido. E só a presença sabe ensinar isso!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025"

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



# COMPORTAMENTO

## Tendência a trends

A efervescência linguística brasileira entre saúvas digitais e saúde comunicativa



Por Renata Munhoz  
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e portugueses para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

"Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são!"

Mário de Andrade, em Macunaíma.

A efervescência cultural e linguística, do Brasil em 2025 parece não ter limites e ecoa a observação de Mário de Andrade em "Macunaíma": "Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são!". Embora o modernista se referisse a pragas e mazelas sociais de sua época, podemos hoje reinterpretar sua frase à luz de uma sociedade que, por vezes, se mostra mais atenta às "saúvas" – as tendências efêmeras e neologismos digitais – do que à "saúde" de sua própria comunicação e do senso crítico.



A tentação de surfar na onda das trends é inegável. Se você se percebe tomando "café com Deus pai", saboreando um "croissant de pistache" (que, sejamos francos, se tornou quase um rito de passagem para o cool), ou até mesmo dedicou tempo a "cuidar de um bebê reborn", um pequeno e divertido sinal de alerta deve surgir: você pode estar mais sintonizado com o passado recente das modas do que com o frescor do presente. O ano de 2025 chega para nos lembrar que a criatividade humana, impulsionada pela velocidade digital, não tem limite para a fabricação de novas palavras e, ironicamente, de trends – que, para os puristas da língua, é um neologismo para a já existente e bem brasileira "tendências".



A onda do momento, por exemplo, é o "morango do amor", que, com sua versatilidade viral, rapidamente se transforma em "morango do ódio" se a receita falha, ou em "morango do aumor" em uma adaptação com banana e beterraba aos cachorrinhos domésticos, nossos queridos pets. Essa capacidade de adaptação e reinvenção linguística é fascinante e reflete a agilidade com que o vernáculo popular absorve e modifica elementos de seu entorno.



Contudo, enquanto sobram personagens fofos como Labubu e Bobbie Goods para colorir cadernos e chinelos – símbolos de uma cultura visual globalizada que se infiltra no cotidiano –, parece faltar algo mais fundamental: "noção" e, mais pragmaticamente, o "acento em bênção" quando se busca uma prece ou um conselho de ferramentas de inteligência artificial como



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2025"

o ChatGPT. Essa "falta" é um sintoma da superficialidade com que, às vezes, interagimos com as novas tecnologias e com a própria língua. A conveniência da IA, por exemplo, não deveria nos conduzir a deixar de ler o que "escrevemos" para enviar a alguém... Já ouvi um discurso de uma alta executiva que sequer tinha lido anteriormente o que "preparou" para a abertura de um importante evento...



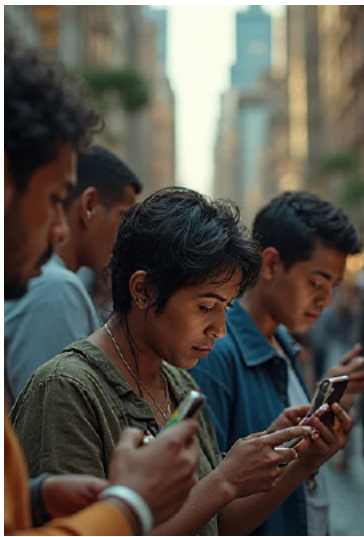
No meio dessa busca insana por inovações e lapsos, a beleza da língua portuguesa, resiliente e cheia de surpresas, emerge em expressões que pareciam adormecidas. Quem diria que na trend "Dá-me um gr..." – a boa e velha ênclise, tantas vezes estigmatizada ou esquecida – ressuscitaria no Brasil, não como um arcaísmo pedante,

mas como um floreio divertido, talvez um charme nostálgico em meio a tanto modismo estrangeiro? Isso demonstra a capacidade da nossa língua de se reinventar e de absorver o novo sem perder suas raízes.



A pergunta que ecoa, quase como um desafio, é: "qual a próxima palavra a viralizar em nossa açucarada língua portuguesa?". Será um termo importado e adaptado, um neologismo genuinamente brasileiro, ou quem sabe o resgate de mais uma joia esquecida em nosso vasto dicionário? O certo é que a dinâmica da linguagem no Brasil de 2025 é um campo fértil de observação, um palco em que a criatividade borbulha, mas que exige, de todos nós, um olhar mais crítico e zeloso. Afinal, permanecem

os males do excesso de "saúvas" das tendências efêmeras em contraste com a pouca "saúde" mental de nosso povo.



## Digitalização da fé: por que religiões estão se modernizando?

COMPORTAMENTO  
- Leia o artigo completo no Site

POR  
The Bard News, Redação

No altar ao algoritmo A vida religiosa no Brasil ganhou uma camada digital que veio para ficar. Transmissões de missas e cultos ao vivo, grupos de oração em aplicativos de mensagens e formações realizadas por videoconferência tornaram-se rotina. Para idosos, pessoas com mobilidade reduzida ou fiéis que vivem longe dos templos, a tela virou ponte. Não substitui o encontro presencial, mas amplia o acesso e reduz barreiras geográficas e sociais.



Cada tradição encontrou seu próprio ritmo nessa migração. No catolicismo, sacramentos como Eucaristia e Confissão permanecem presenciais, porém a orientação espiritual por videochamada se consolidou, assim como o agendamento de atendimentos e celebrações por aplicativos. Igrejas evangélicas expandiram

cultos híbridos e estruturaram salas virtuais de acolhimento e discipulado. Comunidades judaicas e muçulmanas adotaram sermões e estudos remotos, preservando ritos que exigem assembleia local. Tudo isso se apoia em uma infraestrutura que o país já domina, com streaming acessível no celular, pacotes de dados populares e doações fluidas via Pix e QR Code.



O ecossistema cresceu para além das transmissões. Aplicativos de oração oferecem trilhas devocionais, leituras diárias e lembretes personalizados. Calendários digitais organizam festas e campanhas solidárias. Redes sociais funcionam como vitrine e corredor de entrada, combinando vídeos curtos para captar atenção com lives que aprofundam o conteúdo. A linguagem também se transformou. Pastores, padres, rabinos e líderes leigos viraram comunicadores multiplataforma, mesclando homilias e sermões com bastidores, entrevistas e respostas rápidas a dúvidas que emergem em tempo real.

Impactos, ética e o caminho híbrido no Brasil A digitalização trouxe inclusão e alcance

inéditos. Acessibilidade com legendas, tradução em Libras e replays ampliou a participação de quem antes ficava à margem. Ao mesmo tempo, redesenhou a economia da fé. Doações online tornaram a receita mais previsível com contribuições recorrentes, mas reforçaram a dependência de plataformas e algoritmos que premiam formatos performáticos e encurtam a janela de atenção. Entender métricas e comportamento de audiência passou a ser competência estratégica para não desaparecer no ruído informacional.

A ética dos dados ganhou centralidade. Religião é dado sensível segundo a legislação brasileira e, por isso, cadastros de fiéis, pedidos de oração, inscrições em cursos e registros de doações exigem consentimento explícito, finalidade clara, segurança técnica e transparência sobre o uso das informações. Vazamentos minam confiança e podem gerar sanções. O aconselhamento online, por reunir confidências íntimas, pede protocolos de sigilo, triagem e encaminhamento responsável, além de limites bem comunicados para evitar a substituição de atendimentos que dependem do encontro direto.



Nada disso elimina o valor insubstituível da comunidade reunida. O canto coletivo, o abraço no pátio, o silêncio compartilhado e os ritos que envolvem corpo e espaço compõem uma experiência que a tela não replica. Por isso, o modelo que se fortalece é o híbrido. Ritos e convivência permanecem prioritariamente presenciais, enquanto conteúdos, comunicação e serviços digitais mantêm o vínculo entre um encontro e outro. Papéis também mudam. Líderes somam à função pastoral a curadoria de conteúdo e a gestão de comunidades online. Voluntários viram anfitriões digitais, acolhendo no chat, orientando novos públicos e encaminhando demandas. A formação inclui

ética de mídia, segurança digital, linguagem inclusiva e combate à desinformação.

No horizonte imediato, assistentes conversacionais podem oferecer acolhimento inicial e respostas frequentes, desde que sempre identificados como sistemas e sem prometer aconselhamento espiritual automatizado. Visitas virtuais podem aproximar santuários e peregrinações de quem não pode viajar. Ferramentas de análise podem ajudar a mapear demandas reais, desde que os dados sirvam à missão pastoral e comunitária, não ao marketing pela busca de relevância a qualquer custo.

Em um país de religiosidade vibrante e forte penetração de internet móvel, a questão principal deixou de ser ir ou não ir para o digital. O debate agora é como habitar esse ambiente com propósito e responsabilidade, combinando acolhimento, transparência e proteção de dados com a preservação do núcleo comunitário. A tecnologia pode ampliar a fé quando é tratada como instrumento a serviço de pessoas e não como fim em si mesma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/08/2025"



OPINIÃO

A Virtude do Ceticismo: Por Que a Dúvida é Essencial em Tempos de Informação Infinita



Por Jeane Tertuliano  
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

"A dúvida como virtude em tempos de informação abundante e sabedoria escassa"



Nunca se falou tanto. Nunca se compartilhou tanto. E, ainda assim... nunca estivemos tão perdidos. Vivemos em um tempo em que a informação é abundante, mas a sabedoria, escassa. Todo mundo sabe de tudo. Ou acha que sabe. Por trás de tantas "verdades" espalhadas com pressa... há ruídos. Vieses. Interesses ocultos. E é nesse caos barulhento que a dúvida se revela virtude!

Duvidar, hoje, é um ato de resistência. É não engolir o que entregam pronto. É recusar a superficialidade das certezas fáceis! Fui ensinada, como tanta gente, a acreditar que a dúvida era um defeito. Um sinal de fraqueza, de indecisão. Mas não é. Pelo contrário. A dúvida é pausa. É análise. É cuidado. É o que me protege de repetir sem pensar... de seguir sem entender... de reproduzir sem questionar.

Duvido porque já fui levada por certezas que não eram minhas. Duvido porque aprendi a confiar mais na pergunta do que nas respostas ensaiadas. Duvido porque pensar, hoje, incomoda... e, mesmo assim, eu penso!

Chamam isso de ceticismo. E talvez seja. Mas um ceticismo lúcido, ético... o tipo que não desacredita por esporte, mas por consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025"

Não para destruir ideias, mas para selecionar com critério o que merece espaço dentro de mim.



É curioso como tanta gente tem medo da dúvida. Querem tudo pronto, definido, embalado para consumo imediato. Mas o mundo não cabe

em caixas... E a verdade não se entrega tão fácil. A dúvida me ensinou a escutar mais. A observar antes de emitir. A não sair por aí acreditando só porque muita gente repete.

A dúvida me salvou de me perder em pensamentos que não eram meus. Me devolveu a autonomia. E, mais do que isso, me ensinou que nem todo debate é diálogo... E que nem toda informação é conhecimento!

Duvidar, hoje, é filtrar. É respirar antes de opinar. É cuidar do que se cultiva por dentro. E, honestamente... se ser cética é ser livre do ruído, da manipulação, da urgência de parecer sabida o tempo todo... então que eu seja! Porque, sim...

a dúvida exige mais. Mas também oferece mais: profundidade, autenticidade, integridade. E eu escolho isso. Sempre!



A Literatura Infantil Está Menos Inocente?

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"Diversidade e Inclusão Entram em Cena nos Livros para Crianças, Gerando Entusiasmo e Cautela ao Mesmo Tempo."

Diversidade e inclusão entram em cena nos livros para crianças, gerando entusiasmo e cautela ao mesmo tempo. Famílias, escolas e editoras procuram um ponto de equilíbrio que acolha emoções e ensine respeito sem perder a magia da infância.

Nas estantes infantis de hoje, multiplicam-se histórias que mostram protagonistas de diferentes origens, famílias plurais, personagens com deficiência, questões de raça e pertencimento, migração, amizade em tempos digitais e a urgência climática. A pergunta que cresce junto com essa oferta é direta e incômoda para adultos que cuidam e educam crianças. Estamos iluminando caminhos de empatia ou apagando a delicada luz da inocência que protege o imaginário infantil. A resposta exige nuance, escuta e responsabilidade de todos os envolvidos no ecossistema do livro.



Há um impulso legítimo e importante por representatividade. Quando a criança se enxerga nas páginas, sua autoestima é reconhecida e seu mundo simbólico se amplia. Quando ela encontra o outro que é



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2025"

diferente, aprende cedo que a diferença não é ameaça, é riqueza. Educadores e especialistas em desenvolvimento infantil destacam que narrativas que espelham a diversidade social ampliam o vocabulário emocional e podem reduzir preconceitos. Ao mesmo tempo, pais e professores relatam receios compreensíveis. Como proteger a delicadeza da infância de temas complexos. Como evitar que a urgência dos adultos se imponha sobre o tempo psíquico das crianças. Como garantir que a moral do mundo não decreto o fim do encanto.

Defendo de forma clara a integridade e a inocência da criança. A infância precisa de abrigo simbólico, de humor, de fantasia, de finais reparadores, de personagens que erram e aprendem sem cinismo. Essa posição não é contrária à presença de temas sociais. Pelo contrário, exige que, quando tais temas apareçam, sejam tratados com leveza, mediação e linguagem adequada à idade. O que ameaça a inocência não é a realidade em si, mas o peso com que ela é despejada sobre os ombros de quem ainda está construindo palavras para nomeá-la.

O debate tem sido aquecido por transformações culturais rápidas. Famílias mudaram, escolas mudaram, a comunicação mudou, e a literatura infantil acompanha esse movimento. Editoras investem em catálogos

mais plurais, autores estudam mediação leitora e psicologia do desenvolvimento, bibliotecas organizam clubes de leitura para famílias. Nesse contexto, surgem obras que abordam bullying, luto, separação dos pais, adoção, imigração, diferenças corporais e neurodiversidade. São livros que podem funcionar como pontes para conversas necessárias, sobretudo quando a vida real já levou esses temas para dentro da casa ou da sala de aula.

A questão central é a forma. Uma mesma temática pode acolher ou ferir, dependendo de como é narrada. Histórias que priorizam metáforas gentis, humor, ritmo musical do texto, imagens cuidadosas e desfechos que ofereçam reparo emocional tendem a ser bem recebidas por crianças pequenas. À medida que a idade avança, é possível lidar com maior complexidade, desde que a condução preserve a segurança psíquica do leitor. Em outras palavras, o bom livro infantil não sacrifica a imaginação no altar da agenda adulta. Ele traduz o mundo para a linguagem da infância.

Esse cuidado se torna ainda mais evidente quando olhamos para a prática da biblioterapia com crianças. Em momentos de crise, livros podem regular emoções, nomear medos, legitimar lágrimas e abrir caminhos de esperança. O uso responsável, porém, pressupõe três pilares. Primeiro,

seleção sensível, que considere a idade, o temperamento e o contexto da criança. Depois, mediação afetiva, com leitura compartilhada, pausas, perguntas abertas e espaço para o silêncio. Por fim, continuidade amorosa, que retoma o assunto nos dias seguintes e valida aquilo que a história despertou. Quando esses pilares estão presentes, a leitura não invade a criança. Ela a acompanha, de mãos dadas.

Há também um equívoco a evitar. A literatura infantil não é cartilha. Quando uma obra vira sermão, perde graça, e a criança percebe a manobra. O livro que transforma é o que confia no leitor, em sua inteligência sensível, em sua capacidade de fazer ligações e elaborar perguntas. A lição que fica precisa nascer do encontro entre texto, imagem e experiência de vida, não da imposição de uma mensagem explícita. O jornalismo cultural tem mostrado exemplos felizes de títulos que tratam de diferença e inclusão com poesia e humor, assim como apontado obras que exageram na função pedagógica e esquecem de contar uma boa história. O mercado amadurece quando leitores e mediadores se tornam mais exigentes com a qualidade narrativa.

Outro ponto relevante é a diversidade de ritmos dentro da mesma infância. Nem toda turma está pronta para o mesmo tema no mesmo momento. Em uma escola, a chegada de uma criança recém imigrada pode tornar o assunto da mudança de país particularmente vivo. Em outra, o luto por um avô querido talvez peça um livro que fale de despedida sem assustar. Em casa, uma separação em curso pede cuidado com narrativas que prometem soluções rápidas. A chave é o respeito pelo tempo de cada criança. Quando um tema toca fundo, vale a pena voltar ao mesmo livro mais de uma vez. Cada releitura revela camadas novas e dá à criança a chance de dirigir a própria viagem.

Há ganhos pedagógicos quando a diversidade entra nas estantes, mas o objetivo maior não é apenas ensinar conceitos. É formar repertório de humanidade. Crianças que convivem com personagens variados aprendem a reconhecer emoções e pontos de vista, habilidade essencial para uma

sociedade mais justa. Para que isso aconteça sem atropelar a inocência, é preciso cultivar o senso de encantamento. Cancioneiro, trava línguas, contos acumulativos, histórias de aventura e fantasia, álbum ilustrado silencioso, poesia breve que dança na boca. Nada disso desaparece quando temas sociais chegam. Ao contrário, deveria ganhar ainda mais espaço, como contrapeso saudável.

O papel de pais e professores continua insubstituível. A leitura mediada, no colo, na sala, na biblioteca, é o lugar onde perguntas podem surgir com segurança. O adulto não precisa ter respostas perfeitas. Precisa oferecer presença. Frases simples como o que você sentiu neste trecho e a ilustração te lembrou de algo que já aconteceu com você abrem portas. Se a criança não quer falar, o silêncio também comunica e merece ser respeitado. Em situações mais delicadas, quando a leitura desperta sofrimento intenso e persistente, o caminho responsável é integrar a escola e buscar orientação de profissionais qualificados. O livro ajuda, mas não substitui cuidado clínico quando ele é necessário.

Há um horizonte promissor se mantivermos a bússola. Podemos cultivar prateleiras que respeitam a infância e dialogam com o mundo. Podemos celebrar a imaginação, rir alto, chorar um pouco, perguntar muito. E podemos garantir que o adulto faça o trabalho duro de curadoria, para que a criança não precise carregar o peso do nosso tempo. O futuro leitor se alimenta de beleza e de verdade em doses que caibam em sua mão pequena. A literatura infantil não precisa ser menos inocente para ser mais justa. Precisa ser mais cuidadosa, mais poética, mais interessada no olhar da criança.

Ao final, volto ao ponto de partida. A integridade e a inocência da criança são princípios que devem orientar toda escolha. A realidade lá fora é densa. O livro por dentro pode ser leve e profundo ao mesmo tempo. Quando conseguimos essa combinação, não perdemos a magia. Nós a colocamos para trabalhar a favor de uma geração mais empática, mais criativa e mais livre.



# CRÍTICA CINEMA

## Frankenstein de Del Toro Encontra a Humanidade no Coração do mito

### RESENHA

#### Frankenstein Mary Shelley

Publicado em 1818, Frankenstein ou o Prometeu Moderno, de Mary Shelley, é uma das obras mais influentes da literatura ocidental e um marco inaugural da ficção científica. O romance transcende a simples narrativa de horror e se consolida como uma profunda meditação sobre o poder, os limites e a responsabilidade moral da ciência. Escrito no contexto histórico do início do século XIX, período de intensas descobertas científicas e transformações filosóficas, o livro reflete as tensões entre o pensamento racionalista do Iluminismo e a sensibilidade do Romantismo, movimento que valorizava a emoção, a natureza e o mistério da existência.

A autora, filha de dois pensadores radicais — a feminista Mary Wollstonecraft e o filósofo William Godwin —, cresceu em meio a debates intelectuais e morais sobre o progresso e a liberdade humana. Inspirada por discussões científicas de sua época, como as experiências de Luigi Galvani e Alessandro Volta sobre eletricidade e vida, Shelley escreveu Frankenstein durante o célebre verão de 1816, na Suíça, em companhia de Percy Shelley e Lord Byron. Dessa experiência nasceu uma narrativa que, ao mesmo tempo, dialoga com o espírito científico e o crítica, denunciando o perigo de uma razão que ignora os valores éticos e afetivos.

Victor Frankenstein, o protagonista, simboliza o ideal do cientista moderno, impulsionado pela sede de conhecimento e pela ambição de transcender os limites da natureza. Seu desejo de criar vida artificial o leva a construir um ser humano a partir de restos mortais, mas, ao alcançar seu objetivo, ele se depara com o horror da própria obra. Incapaz de aceitar sua criatura, Frankenstein a rejeita, dando início a uma tragédia que reflete o conflito entre criador e criação. A figura da criatura, injustamente rotulada como “monstro”, é, na verdade, o espelho das falhas humanas: sensível, inteligente e carente de afeto, ela revela a crueldade e o egoísmo do homem que a abandonou.

Nesse sentido, Mary Shelley inverte o conceito tradicional de monstrosidade. O verdadeiro monstro não é aquele que tem aparência deformada, mas o ser humano que se exime da responsabilidade moral diante do que cria. O romance antecipa discussões que ainda ressoam na atualidade, como a ética na pesquisa científica, os limites da manipulação genética, a inteligência artificial e o impacto das tecnologias sobre a vida humana. Shelley parece advertir que o avanço do conhecimento sem a presença de compaixão e reflexão ética conduz inevitavelmente à destruição.

Do ponto de vista literário, Frankenstein combina a atmosfera sombria do gótico com uma estrutura narrativa inovadora. A história é apresentada em camadas: as cartas do explorador Robert Walton introduzem o relato de Victor Frankenstein, que, por sua vez, contém a voz da criatura. Essa estrutura em múltiplas vozes confere complexidade à narrativa e permite que o leitor acesse diferentes perspectivas sobre os mesmos acontecimentos. Ao final, a ausência de uma verdade única reforça o caráter filosófico da obra, que questiona o sentido da existência, a solidão e a busca humana por transcendência.



Por J.B Wolf  
EDITOR CHEFE

CRÍTICA - Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

#### Da Estreia Aclamada à Chegada ao Streaming: Uma Leitura Sombria e Sensível do Clássico de Mary Shelley

"Guillermo del Toro transforma o clássico de Mary Shelley em obra cinematográfica que prioriza humanidade sobre horror: com Oscar Isaac, Jacob Elordi e Mia Goth, o filme combina artesanía gótica com profundidade ética."

Frankenstein de Guillermo del Toro encontra a humanidade no coração do mito. Da estreia aclamada à chegada ao streaming, uma leitura sombria e sensível do clássico de Mary Shelley. Elenco maduro, fotografia gótica e perguntas morais que atravessam gerações.



A nova adaptação de Frankenstein dirigida por Guillermo del Toro confirma um caminho que o cineasta percorre há décadas ao transformar monstros em espelhos e assombros em perguntas. O filme parte do romance de Mary Shelley e o atualiza sem diluir a inquietação original. A ovação prolongada na estreia internacional, seguida do circuito em salas brasileiras e da disponibilização no streaming, mostra que não se trata apenas de uma releitura com verniz contemporâneo, mas de um trabalho que acredita que coração, culpa e responsabilidade continuam a pulsar como matéria dramática e ética. Em vez de buscar a caricatura do horror, del Toro avança rumo à intimidade. As atmosferas úmidas, corredores de pedra, laboratórios que parecem respirar e uma criatura que observa antes de agir compõem um repertório visual coerente com a obra do diretor, mas dedicado aqui a lapidar o essencial do mito. As perguntas que Shelley gravou em páginas do século dezenove surgem ampliadas por uma mise en scène que sabe ouvir o silêncio e que entende que toda faísca acesa em laboratório cobra seu preço do lado de fora.

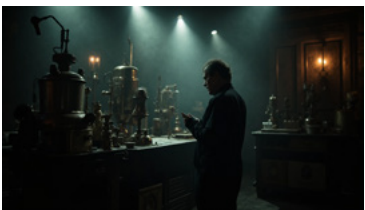


O elenco serve a esse propósito com precisão. Oscar Isaac entrega um Victor Frankenstein dividido entre a ambição que o move e o peso do que inaugura. É um cientista hábil em persuadir a própria luz a obedecer, mas a performance não encosta em altivez vazia. Há desvelo, há exaustão e há a sombra de uma escolha que não pode ser desfeita. Jacob Elordi assume a Criatura com rara fisicalidade, mas evita gestos fáceis. Seu olhar toma o centro das cenas e devolve ao público a pergunta principal da história, que não é o que

a criatura é, e sim o que fizemos dela. Ao lado, Mia Goth compõe uma Elizabeth Lavenza que existe para além da tragédia alheia. Na economia emocional do filme, ela aparece como contrapeso humano, dotando a narrativa de uma rota de sensibilidade que interrompe qualquer tendência à simples punição moral. A presença de Christoph Waltz amplia os matizes de poder e manipulação, oferecendo uma leitura de autoridade que flerta com a sedução intelectual e expõe a ética frágil de quem se sente autorizado por suposto gênio.

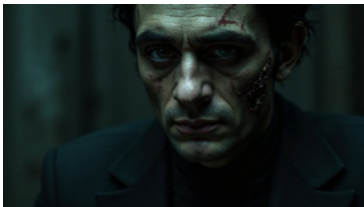


A direção de arte organiza um mundo em que texturas narram tanto quanto diálogos. Metal frio, couro gasto, vidros opacos, instrumentos manchados de passado e ambientes que parecem carregar umidade nos próprios ossos. A fotografia mergulha em pretos densos e brancos parcimoniosos, evitando o contraste agressivo para privilegiar gradações que fazem do claro escuro um território emocional. Há cenas em que a luz funciona como bisturi, expondo o que os personagens tentam esconder de si mesmos. Nesses momentos, del Toro não grita. Ele aproxima. E essa aproximação cumpre uma das vocações do cinema de horror mais maduro, que é usar o medo não para o susto fácil, mas para a experiência do limite. O desenho de som acompanha com cuidado. Em vez de sublinhar, insinua. Um gotejar distante, o rangido de estruturas antigas, o rufo breve de um coração que acelera compõem uma partitura que estabelece tensão e compaixão ao mesmo tempo. A trilha musical entra em horas medidas, tomando cuidado de não transformar dor em espetáculo. O resultado é uma escuta que preserva a dignidade das imagens e empurra a narrativa para dentro da pele.



A estrutura dramática cumpre um arco clássico com inteligência contemporânea. O impulso do criador abre caminho para a vida que não pediu para existir, e a vida, uma vez posta em marcha, passa a cobrar explicações que o criador não sabe dar. Quando o filme oferece violência, ela tem densidade e consequência. A classificação para adultos não se converte em troféu de choque, mas em reconhecimento de que há matéria sombria que não se dissolve com corte rápido. O ritmo alterna respiração

longa e cortes que comprimem o tempo. É um manejo que respeita o espectador, que entende que há pausas que dizem mais que diálogos e que o cinema, antes de ser tese, é experiência sensorial organizada. Ao final do segundo ato, quando a criatura precisa olhar para o mundo como quem olha para um espelho sem moldura, o filme sustenta a tensão com recursos mínimos e demonstra domínio de ofício. Trata-se de um momento que condensa a proposta de del Toro para este clássico, que é devolver ao centro o que muitas versões laterais sacrificaram em nome da iconografia. Aqui, o horror é consequência, não princípio. O princípio é a tentativa humana de tocar o impossível e de lidar com o que isso nos faz.



A recepção calorosa no circuito internacional convergiu para duas leituras de fundo. A primeira é a de que del Toro reencontra sua melhor forma ao equilibrar artesanía gótica com uma bússola ética clara. A segunda é a de que a criatura, interpretada com contenção e presença, torna crível algo que sempre correu o risco de desandar, a saber, o caminho que vai da repulsa ao reconhecimento. Não existe anjo nem demônio na leitura do diretor. Existem atos, consequências e tentativas de reparo que chegam tarde. O filme confia que o público sustentará esse percurso sem didatismo. Em nível técnico, o desenho de produção e a fotografia dialogam com o que o diretor já fez sem se repetir. O cuidado com cenários práticos e efeitos que dão peso às coisas evita a sensação de videogame dourado que acomete parte do cinema de fantasia recente. É uma escolha estética e também ética, pois torna mais palpável o que está em jogo. Em vez de maquiar a dor, o filme lhe dá corpo. Em vez de prometer redenção fácil, permite que uma pergunta permaneça vibrando nos créditos.



Do ponto de vista histórico, é um Frankenstein que conversa com a tradição sem se ajoelhar diante dela. As leituras acadêmicas sobre a modernidade nascente, o Prometeu atualizado e a ansiedade tecnológica aparecem como vapor sobre a superfície, mas o filme opera sua força no nível mais imediato, o do encontro entre criador e criatura, entre quem nomeia e quem recebe o nome. Isso explica a potência dos

planos fechados no rosto da criatura, o cuidado com a textura da pele, a reiteração de mãos que tocam a matéria como quem tenta aprender um alfabeto novo. São decisões que alinham a dramaturgia à postura política do cinema de del Toro, que sempre devolve humanidade ao que foi rotulado como desvio. Ao fechar o círculo, a narrativa não absolve Victor Frankenstein, tampouco demoniza o universo. Faz algo mais raro, que é reconhecer que a vida que criamos nos convoca a responsabilidades que não se terceirizam. E é nessa convocação que a obra encontra sua atualidade.



No Brasil, a repercussão combinou interesse do público nas salas com forte busca após a chegada ao streaming. O calendário de lançamento, com passagem por festival de prestígio, exibição em circuito comercial e posterior presença em plataforma, criou um ciclo de leitura amplo. Leitores de Shelley e espectadores de del Toro convergiram e levaram a discussão para a imprensa, universidades e clubes de cinema. Foi possível ver debates que cruzaram filosofia da técnica, bioética e estudos de recepção, sinal de que o filme oferece camadas para além do impacto visual. O comentário crítico mais recorrente destacou a prova de que a assinatura de del Toro permanece singular porque organiza ternura e horror na mesma mesa. É um cinema que entende o medo como linguagem e não como barulho. E que, por isso mesmo, ainda consegue comover em uma era de saturação de imagens.

Ao terminar a sessão, a sensação é a de voltar ao livro com outros olhos. Não para comparar linha a linha, mas para reconhecer nas páginas a semente do que o filme rega com atenção. A criatura de 2025 não é um desfile de cicatrizes. É um corpo que pede nome, um olhar que pede mundo, um coração que pede tempo. Talvez seja por isso que o silêncio depois dos créditos se alonga. Não é vazio. É o intervalo necessário para que a pergunta que o filme reabre encontre lugar dentro de cada espectador. E é nesse intervalo que Frankenstein volta a ser, mais que um mito, um pacto. Um pacto que nos lembra que criar é também responder. E que responder, diante da vida, é sempre um verbo que começa por escutar.



Guillermo del Toro e Oscar Isaac no set de filmagens de 'Frankenstein' Foto: Ken Woroner/Netflix/Divulgação





# VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



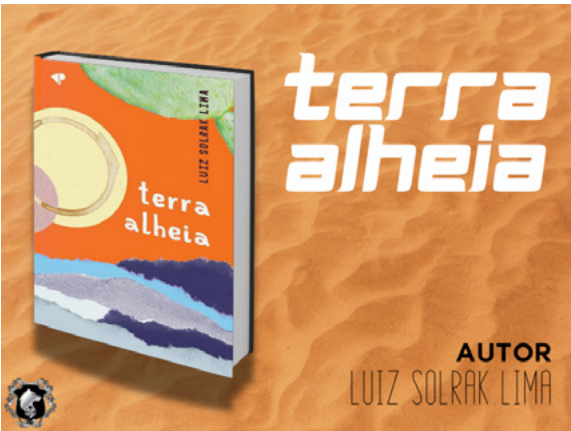
Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



# CLASSIFICADOS

ANUNCIE  
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE  
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE  
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE  
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto  
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI  
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** [www.seusite.com.br](http://www.seusite.com.br)



# ANUNCIE

## ANÚNCIOS NO SITE

### ANÚNCIO 1 - 1196X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

### ANÚNCIO 2 - 1000X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

### ANÚNCIO 3 - 400X300



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

### ANÚNCIO 4 - 1080X1920



The Bard News

FAZEMOS A ARTE



# ANUNCIE

## ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar







# REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

## Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



### CLIQUE NO POST



Alexandre Dumas e os Verdadeiros Três Mosqueteiros



Entre o Caos e a Virtude: Como o Pensamento Estoico Continua Atual



Comunidades quilombolas: tradições culturais



A Arte da Conversação



Literatura Infantojuvenil: Formando Caráter e Imaginário com Histórias Atemporais



A Virtude do Ceticismo: Por Que a Dúvida é Essencial em Tempos de Informação



Tendência a trends



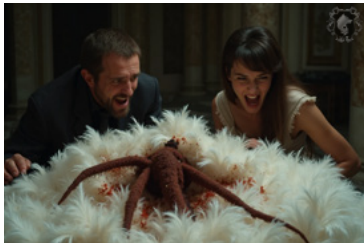
Espiritualidade e Modernidade: Um Diálogo Necessário



O efeito da Natureza: como o contato com o verde transforma Corpo e Mente.



O valor das atividades extracurriculares. Desenvolvimento além das notas.



LINHA CRUZADA: O travesseiro invisível



Meritocracia: Uma Virtude em Xequre no Debate Filosófico Moderno



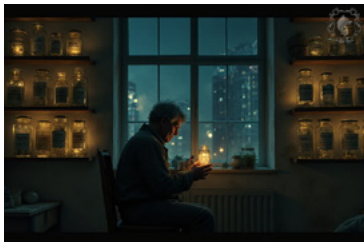
Prêmio Nobel: A Evolução do Ideal Literário



A Descida ao Maelström da Alma: Edgar Allan Poe, o Arquiteto das Sombras



CONTO: O Café Passagem" - Capítulo 3: A Caminhada



Colecionador de Últimos Suspiros: Capítulo 2



A Importância do Silêncio na Música: A Arte de Ouvir o Invisível



A Literatura Infantil Está Menos Inocente?



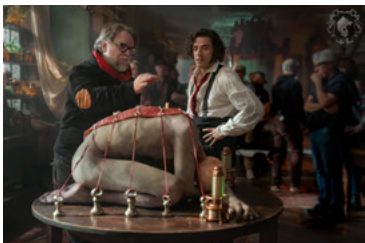
Ching Shih: A Rainha dos Mares que Desafiou Impérios e Saiu Vitoriosa



Digitalização da fé: por que religiões estão se modernizando?



Ditados Populares e a Sabedoria Ancestral: O Tesouro Oral que Resiste ao Tempo



Frankenstein de Guillermo Del Toro Encontra a Humanidade no coração do mito



O Colapso da Atenção: impactos cognitivos e culturais da hiperconectividade



Sequestro da Mente: Como a Batalha Cultural Redefine Escolas e o Futuro dos Nossos Filhos



RESENHA DE LIVRO: Frankenstein de Mary Shelley



# AGRADECIMENTOS



No dia 09 de Novembro de 2025, celebramos um sonho coletivo: o lançamento da 4ª edição do **Jornal The Bard News®** no Brasil e no mundo.

Em um mundo em constante transformação, acreditamos na potência da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento para construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões necessárias. The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, dedicado a todos que creem que o diálogo, a diversidade e a cultura são ferramentas insubstituíveis de transformação.

Hoje queremos agradecer de coração aberto a cada pessoa que tornou este projeto possível. À nossa equipe incansável, que dedicou talento, noites e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que emprestaram ao jornal as suas vozes e olhares únicos; àqueles que divulgaram, apoiaram, sugeriram, acreditaram. Agradecemos profundamente aos leitores, porque é para vocês que existimos e com vocês queremos construir cada página.

Reunindo temas como Arte, Literatura, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, desejamos oferecer mais que informação: queremos proporcionar experiências, descobertas e inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para questionar e propor.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso é com o acesso democrático ao conteúdo relevante nacional e internacional, guiados sempre pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando conosco, nosso sincero muito obrigado. O The Bard News é, acima de tudo, obra coletiva e, por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita desta história que está só começando.

A Redação - The Bard News



# JORNAL THE BARD NEWS





# BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site



2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

